

José Euclides de Miranda

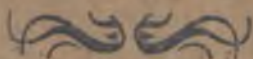
— Do PIAUI —

MEMORIAS ACADEMICAS

ACADEMIA DE DIREITO DE RECIFE

— 1903 à 1907 —

— PARNAIWA —



F
340.04
M 672 m

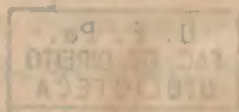
José Euclides de Miranda

— Do PIAUÍ —

MEMORIAS ACADEMICAS

ACADEMIA DE DIREITO DE RECIFE

— 1903 à 1907 —



— PARNAIÁ —



José Euclides de Miranda

— Do Piauí —

MEMÓRIAS ACADÊMICAS

ACADEMIA DE DISSERTAÇÕES E RECIFE

— 1902 A 1903 —

U. F. Pe.
FAC. DE DIREITO
BIBLIOTECA

F05 23.1.90

MEMORIAS ACADEMICAS.

O Piquinique da Ilha do Pina.

Albo lapillo notare diem.

POR uma palestra com amigo, contemporâneo dos bancos academicos, nos veio a idéa de relembrar fatos da vida de estudante, recordações da vida de outrora, passada no recinto da Academia de Recife e nas républicas, si bem que fosse tarefa difficil, pelo frequente motivo de esquecermos em pouco tempo, casos e fatos acontecidos, ~~em pouco tempo~~, não distantes, ao passo que não se nos apaga da memoria, a menor particularidade de nossa infancia descuidada e alégre; e ainda envolvida pelo receio de ferir susceptibilidade alheia.

De logo, lembramo-nos do Convescote da Ilha do Pina, naquele tempo considerada ilha, hoje parte integrante de Recife, apenas separada por uma ponte, o qual foi objeto de muitos comentarios por demorados dias no recesso da vida republicana.

Essa ilha era um recanto encantador, á sudéste de Recife, sombreada por cocueiras e fruteiras muitas; inumeros rebanhos de mangues lhe davam belas paisagens, fazendo realçar esse punhado de terras insular baloicando-se nas ondas irrequiétas do Atlantico.

Foi isso pelo dia 11 de Agosto de 1903. Feriado na Faculdade, aniversario da Fundação dos Cursos Juridicos no Brasil, a data nos proporcionava descanso dos livros e fuga das aulas.

Preparou-se a dispensa no restaurante-Marquez de Pombal-á Rua Larga do Rosario, propriedade de Marquez, portuguez amigo e estimado da estudantada, de onde eramos pensionistas; e confiada a guarda dos petiscos ao Xavier, garçon da casa e dedicado á classe academica.

O transporte á cargo do catameiro Gabriel, tão trotista como --- qualquer estudante, ao contacto com o calouro, ~~foi feito~~ ^{foi} feito ~~escalar~~ ^{escalar}.

O percurso entre o baço de mar que separa Recife, dos arrecifes.

A Caravana se formou comigo, José Lopes, Francisco Correia, Julio Lima, Lustosa de Freitas, Lucrécio Avelino, Saraiva Ribeiro, Pelopidas Vieira, João Gomes. Arruda Falcão, Aquiles Bevilaqua, Matias Olimpio, ~~Hélio~~ Fortes, Moura Costa e Francisco Falcão.

O Dia surgiu nublado e uma vez por outra, uma garôa peneirava imper-

O Piquingue da Ilha de Ilha.

Alto Jacaré not re ligam.

Por uma palestra com amigos, contemporâneos dos homens académicos, nos veio a idea de relembrar factos da vida de estudante, recordações da vida de outora, passadas no recinto da Academia de Realte e nas republicas; ai bem que fosse tãto mais cil, pela frequente motivo de esquecermos em pouco tempo, o que os factos acontecidos, em pouco tempo, não distantes, ao passo que se nos apaga da memoria, a menor particularidade de nossa infancia. Desconfiada e aie re; e ainda envolvida pelo resco de terir auep-tilidade aieais.

De logo, lembramo-nos do Convencote da Ilha de Ilha, nãueis ta no considerada ilha, hoje parte integrante de Realte, apenas auep-tilidade por uma ponte, o qual foi objeto de muitos comentarios por demora-dos dias no resco da vida republicana.

Nãueis ilha era um resco encantador, e auep-tilidade de Realte, e auep-tilidade por coqueiras e fruteiras muitas; numerosos repanos e auep-tilidade de auep-tilidade de auep-tilidade, fazendo realte esse punhado de terras insu-lar palocandade nas ondas irregulares do Atlantico.

Foi isso pelo dia 11 de Agosto de 1905. Feriado na Faculdade, auep-tilidade de auep-tilidade dos cursos institutos no Brasil, auep-tilidade nos propo-ziõnes resco nos livros e loga das aulas.

Preparado na a diagenes no restaurante-mercado de Pompal-3 Rua larga do rosario, propriedade de marques, portuarias auep-tilidade e estimado da estudante, de onde eram os penatistas; e confiada a guarda dos petiscos ao Xavier, garçon da casa e dedicado a classe académica.

O transporte a cargo do castelheiro Gabriel, tão profista como --- qualquer estudante, ao contacto com o celorio, se fatto assessor de

o percurso entre o batto de mar e o separ Realte, dos arredes. A Caravana se formou como, João Lopes, Francisco Correia, Julio Lima, Luiz de Freitas, Imaculo Avelino, Arribe Ribeiro, Pelo-gidas Vieira, João Gomes. Arribe Falcão, A milia Gaviolana, Maria Olimpio, Helix Torres, Moura Costa e Francisco Falcão.

O dia surtiu nublado e uma vez por outra, uma garça penatista inap-

tineñtamente. O trajecto se fez alegre e com interesse, Navegavamos com maré vasante. Gabriel, de damnado, nos enganou, tripulando cada baleeira com dois tripulantes. Para encurtar distancia, os mais audazes se disposeram aos remos. Em nosso escaler, por for a das circunstanças, remavam Lucrécio e Belopidas. O primeiro grave, sisudo; o segundo a faser carêtas que provocavam risos geraes! Ah! Gabriel de uma figa...disiam todos...pagarás essa partida... Todavia, o pessoal evacuava os humores, sorvendo tragos dos aperitivos, em boa hora levados; de sorte que, já na ilha, cansados, molhados, alguns já descreviam ...sinuosas..

O dia correu na maior e convidativa pandega e as horas se passaram rapidas; corridas de parellas, agua de côco, frutas, tudo foi pouco para os foliões. A hora solemne do rega-bofe, tão anciosamente esperada e anunciada debaixo de pregão; o avanço foi grande e os convivas destruíram ~~ooooooooo~~ o bordeaux, sem trégua...

Ao dessert, fiseram-se ouvir os mais estapafúrdios toasts ...Francisco Correia encetara a serie, já bastante perfeito, erguendo saudação á Republica, escudada nos principios do saudoso Siva Jardim, o heroe que fenecera nas garras efervescentes do Vesuvio... Arruda Falcão, pernambucano de fino quilate, se levantou oscilante e em hipp vibrante a todos do Piauí, e ainda bem não terminava, ligava-se em luta pelo chão com Aquiles, cearense de rigattempera, que mudo, as correntes calóricas lhe haviam paralisado as cordas vocaes! José Lopes, loquaz, saudando com enfase á Pernambuco na pessoa de Falcão, em linguagem sui-generis de palayras sem nexo, entrava em luta física com João Gomes que de mole, não mais fechava a boca! Lustosa de Freitas, impagavel, a querer subir pelas costas dos outros repubblicanos, tinha entretanto Saraiva Ribeiro a lhe imprimir pontapés certos em...certo lugar, fazendo-o rolar pelo chão, em carambelas... ao mesmo tempo que emitia gritos finos que só ele os sabia dar. Belopidas Vieira mordía os labios, arregalava os olhos...mordia a lingua! Lucrécio Avelino, impertubavel..os vapores pouco agiam nas suas circumvoluções cerebraes. ...pasmava até os mangues! ~~Matias~~ Matias Olimpio, Heli, Moura Costa, Francisco Falcão, todos enfim não esqueceram a vinha de Baco e lembraram a Noé, tão mal comprehendido no correr dos séculos! Julio Lima era o pastor do re-

linemente. O projecto de se aliar a com interesse e vivo
com mare varante. Gabriel, de damado, nos enganou, tripulante
palestra com dois tripulantes. Para encontrar distantes, os mais en-
gases se dispõem nos remos. Em nosso escaer, por fora de cir-
cunstanças, remavam lucto e belicidas. O primeiro greve, abando;
o segundo a fazer carretas que provocavam rias geras! Ah! Gabriel
de uma riga... ástam todos... pagares essa partida... Todavia, o pes-
soal evocava os humores, servendo trigos dos esportivos, em boas co-
ra lavados; de sorte que, lá na ilha, cançados, molhados, alguns de
descriam... ainnas...

O dia correu na maior e convidativa padeza e as horas se passaram
rapidamente; cortinas de paredes, agua de coco, frutas, tudo foi pouco
para os foliões. Á hora solenne do réa-pote, tão ansiosamente es-
perada e anunciada debaixo de crepê; o avanço foi grande e os con-
vivas destruíram ~~o bodegão~~ o bodegão, sem tréguas...

Ao deasert, fizeram-se ouvir os mais estrepitantes lozais... ~~Trabalho~~
co Corrie encetara a serie, ~~de bastante perfeito~~, erguendo saudades
a República, saudades nos principios do saudeo Silva Jardim, o honro
que feneceira nas garas efervescendo veauio... Arthur Faleo, por-
namborano de tipo culante, se lavou de ocidente e em hipp vibrante
a todos do Plant, e ainda bem não terminava, ligava-se em luta pelo
cho com Aquiles, coerenes de rigatempers, que mudo, as correntes
calorosas lhe haviam paralisado as cordas vocaes! José Lopes, jo-
quaz, saudeado com enfase a firmamento na passoa de Faleo, em lin-
guagem mul-generia-de palayras sem nexo, entrava em luta listica
com João Gomes que de mole, não mais fechava a boca! Luctos de
Fritas, impagavel, a querer andar pelas costas dos outros repon-
ganos, tinha entreto o ~~carreira~~ ~~alibrio~~ e lhe imprimia postas-
pés certeiros em... certo lugar, tasando-o rolar pelo chão, em crum-
bela... ao mesmo tempo que emitia gritos finos que se eleva as altu-
gar. Personagem Vieira morria os raios, arregalava os olhos... ~~bonito~~
a linha! Inocência Avellano, imperdível... os vapores como agiam
nas suas circumvolucões cerebraes... pagava até os mangas!

Atalia Matias Olimpio, Belli, Moura Costa, Tranchado Faleo, todos
emfim não esqueceram a vinha de coco e relembraram a Noe, tão mal
compreendido no correr dos séculos! Julio Lima era o pastor de re-

Nós, calouro , si bem que contaminado desses vapores baquicos, - nos mantivemos reservados, não nos aventurando a vibrar com as discurseiras, pois que sabíamos, seríamos tolhidos pela vajentia dos veteranos ...e depois.....calouro não fala....grufe....

O Xavier para nada serviu..apertava os olhos...puxava os bigodes... Para encerrar esse espetáculo curioso- os pescadores admirados, atônitos! Os coqueirões com suas silhuêtas esguias se embalavam suavemente. Os mangues sussuravam mansamente. O mar espalhando-se pela vasta amplitude, murmurava seu eterno ritmo. E, além, no horizonte, pandas velas de barcos, enfundadas, feriam o espaço. Chegamos á república, á Rua do Imperador, á noitinha. Exaustos, amolecidos, em breve tempo reinava silencio e a paz entrou pela noite.

deveria seguir para qualquer peço de facto.

fado, eternamente calmo, fado de destino, insondável e
 nos nas ondas imprevistas e somas das arvores.
 Nós, calmo, ali com o contínuo das águas profundas,
 nos mantivemos resguardados, não nos aventuramos a viver com as
 discursões, pois era capcioso, seríamos todos pela verdade.
 gos veteranos... e a paisagem não falava...
 O Xavier para nada serviu... a paisagem não falava...
 Para encerrar esse espetáculo curioso - de pesquisadores e admiradores, po-
 nidos! O conhecimento com essas almas se estabeleceu sobre-
 mente. Os mares e a natureza ensinam. O mar espreitando-se pela
 vasta amplitude, murmurava seu eterno ritmo. E, além, no horizonte,
 ondas velas das barcas, enlameadas, feriam o espaço.
 Chegamos à república, a Rua do Imperador, a noite, a noite.
 amolados, em breve tempo tornava aliado e a paz entrou pela
 noite.

O BANDO PRÉCATORIO.

DATE OBULUM BELISARIO.

O Bando Précatorio em prol dos flagelados das sêcas no Nordeste, em 1903, foi na Academia, um acontecimento dos mais notáveis.

As notícias e os efeitos do terrível phenomeno climatérico assojando os Estados dessa região brasileira repercutiram fragorosamente em todo o paiz. Os estudantes em massa foram para as ruas suplicar um obulo para os patricios de Paraíba, Rio G., do Norte, Ceará e Piauí, muito deles, em lévas demandando os invios pantanos da Amazonia e outros em procura das hipotéticas vantagens do sul. O assunto tornou-se preocupação publica e o Governo como primeiras medidas, promovêna o transporte gratuido na LOIDE- adqueles que quisessem seguir para qualquer ponto da Nação.

A fome avassalava os sertões e centenas de dias se passaram sem que uma só gota d'agua viesse amainar o calor daqueles solos esterrecidos!

Fomos testemunhas de vista do quadro desolador, passando pelos portos de Fortaleza, Natal e Cabedêlo: uma multidão de aspecto tristonho, cadaverica, á esmojar a caridade dos transeuntes!

A mocidade sempre nobre, valorosa levantou-se de norte a sul do Brasil, por essa pobre gente, para minorar seus sofrimentos. Em Pernambuco, Bahia, Rio, S. Paulo, Porto Alegre, os bandos percorriam as ruas, cercados pelo entusiasmo popular.

Em Recife, os estudantes organizaram comissões que se justapuseram aos bandos, em marcha pela cidade adentro. Nessas, o Piauí figurou pelos estudantes-Francisco Correia e Julio Lima. O bando condusía á sua frente, abandeira brasileira, presa por mãos académicas, enfunada, á maneira de sacola, para receptaculo dos cobres; e amenisando o ambiente, a musica na vanguarda do cortejo.

Em principio, como incentivo de entusiasmo ás massas, surgiam oradores que com côres vivas e palpitantes pintavam o cenario comvente, de nossos irmãos morrendo á mingua no sertão ingrato, compelidos a abandonarem o torrão natal, á procura do pão em outras terras.

Naquele tempo, muitos môços se destacavam como oradores, nas festas

Nesse tempo, muitos muros se destacavam como ordens, nas festas
 de nossas irmãs morrendo à minha no sertão infinito, com-
 cores que com cores vivas e palpitantes pintavam o cenário como-
 em principio, como incentivo de entusiasmo às massas, surgiam or-
 e amenizando o ambiente, a música de repente do corpo.
 cas, entretanto, a maneira de escola, para recepção dos corpos; e
 duas a sua frente, espandiam praefectis, press por mãos esca-
 curou pelos estudantes-Francoes Gornes e Julio Lima. O bando con-
 ram aos bandos, em marcha pela cidade dentro. Nessas o final fi-
 Em Recife, os estudantes organizaram comissões que se juxtapo-
 riam as ruas, cercados pelo entusiasmo popular.
 Fernandoes, Bala, Rio, S. Paulo, Porto Alegre, os bandos percor-
 Brasil, por essas pobres gentes, para minorar seus sofrimentos. Na -
 A moçada sempre nôbre, valerosos levantou-se de norte a sul do Brasil
 cada vez, a esmojar a caridade dos transeuntes!
 de Fortaleza, Natal e Cabedelo: uma multidão de aspecto tristonho,
 Tomos testemunhas de vista do quadro desolador, passando pelos portos
 dos!

uma só gota de água viesse amainar o calor daqueles solos estér-
 A fome avassalava os sertões e centenas de dias se passaram sem que
 acessem seguir para qualquer ponto da Nação.

dividas, promovendo o transporte gratuito na LCLM- aduelas que difi-
 quanto tornou-se preocupação pública e o Governo como primeiras me-
 sonia e outros em procura das hipotéticas vantagens do sul. O sa-
 Plant, muito deles, em fôcos demandando os invios pentanas de Ama-
 um obolo para os patricios de Paraíba, Rio G, do Norte, Ceará e -
 em todo o país. Os estudantes em massa tornam para as ruas ampliam-
 do os Estados deesprêção praefectis repercutiram tragicoramente
 As notícias e os efeitos do terrível fenómeno climático sa-
 em 1903, foi na Academia, um acontecimento dos mais notáveis.

O Bando Precatório em prol dos flagelados das sêas no Nordeste,

e nos comícios, seriam figuras indispensáveis. No quinto ano, entre outros, Luiz Estevam reunia um formoso carater ao belo espirito de facundia brilhante. No quarto, Araújo Jorge, Benjamin ~~Lima~~ ~~Almeida~~ se sobressaíam no arrojo e na impetuosidade tribunicia; No terceiro, Sebastiao do Rêgo Barros e Carlos Pontes faziam na tribuna, o manejo admiravel da palavra. No segundo, Isaac Cerquinho, o Chaby, assim chamado pela parecença com o grande ator portuguez desse nome e Ladislau do Rêgo Barros discursavam ingistentemente, interessando bem ao publico. No primeiro, Telésforo de Almeida, palavra facil, arrebatadora, gominava a multidão. Muitas outras intelligennias vicejavam.

O bando caminhava sempre, recebido entre aplausos dos habitantes da bela Recife, coesos para contribuir para tão altruistica empresa!

O povo acolhia com afeto a mocidade, pelo praser de vel-a jovial.

Na ajégria, na tristesa, naquilo enfim que os homens encaram com sizudez e meditação, a mocidade procura o que de pandego e folgação. Alegria, tristesa, patriotismo, cumprimento de dever tudo, ela intenta adaptar ao meio em que vive, ~~na~~ seu contento, amolgando ás suas proprias conveniencias. Atravez dos lances da vida, nas revoltas intestinas, nas grêves que ás vêses se dao nos corredôres das Escolas, o estudante quer distrair os professores da ardua~~s~~ tarefa das preleções.

Os poderes publicos já compreenderam essas grêves criadas pelo estudante e o modo melhor, menos prejudicial, para arrefecer esse calor que contamina esses agrupamentos, atira contra eles, mangueiras d'agua, gazes lacrimojantes, de efeito rapido! Verdade é que por uma dessas ironias das ~~sortes~~ cousas, a ~~br~~riosa mocidade toca ás barbas dos Governos. Vitor Hugo, no imortal-Os Miseraveis- relata uma célebre barricada que foi a gloria da Revolução de 1832. A mocidade das Escolas, os garotos de Paris foram a alma das ruas, nesse reduto inxpugnavel em que o heroismo andou de par com a oratoria. A mocidade é sempre a mesma em toda parte- forte, audaciosa, espelho de um povo:

O bando na sua expansão ia angariando as esportulas, recheiando a bandeira brasileira, ufana, orgulhosa de ser o amparo dos proprios filhos.

e nos comícios, seriam figuras indispensáveis. No quinto ano, em-
 tre outros, Luiz estavam reunidos um formoso caráter ao belo espí-
 rito de Teófilo Príncipe. No quarto, Araújo Jorge, Benjamin
 estava se sobressaía no arto e na impetuosidade tripartida; No
 terceiro, Sebastião do Rêgo Barros e Carlos Pontes faziam na tri-
 buna, o maneio admirável da palavra. No segundo, Isaac Garibaldi,
 o Chaby, assim chamado pela parelha com o grande ator portu-
 guês desse nome e Ladislau do Rêgo Barros discutavam instaten-
 temente, interessando bem ao público. No primeiro, Teófilo de A-
 meida, palavra fácil, arrebatações, dominava a multidão. Muitas
 outras inteligências viajavam.

O bando caminhava sempre, recebido entre aplausos dos habitantes
 da bela Recife, coesos para contribuir para tão afortunadas empre-
 sas!

O povo escolhia com afeto a mocidade, pelo prazer de vê-la jovial.
 Na África, na tristes, ninguém emitiu que os homens encorram com
 atitudes e meditação, a mocidade procura o que de pândego e folga-
 são. África, tristes, patriotismo, cumprimento de dever, tudo
 ela intenta adaptar ao meio em que vive, assim contente, assim
 dando às suas próprias conveniências. Através dos lances da vida,
 nas revoltas intestinas, nas greves que às vêzes se dão nos cor-
 redores das escolas, o estudante quer distrair os professores da
 árdua tarefa das preleções.

Os poderes públicos já compreenderam essas greves criadas pelo es-
 tudante e o modo melhor, menos prejudicial, para arrefecer essa co-
 lor que contamina essas agremiações, atira contra eles, manifestando
 água, gases lacrimogêneos, de efeito rápido! Verdade é que por uma
 desastrosa ironia das coisas, essas mocidades tocam às barbas
 dos governos! Victor Hugo, no imortal *O Miserável* - relata uma
 célebre barricada que foi a glória da revolução de 1830. Anos
 das escolas, os garotos de farda foram a alma das ruas, nes-
 se tempo inaproveitável em que o heroísmo andou de par com a criminalidade.
 A mocidade é sempre a mesma em toda parte - forte, audaz, espe-
 lho de um povo.

O bando na sua expansão ia engrandecendo as esportulas, recolhendo
 a bandeira brasileira, viana, orgulhos de ser o amparo dos pro-
 prios filhos.

O flirt, o namorico foram nota saltitante dessa passeiadas a luz do sol. Era justo que os môços em recebendo a esmola das maos femininas, retribuíssem com um sorriso, com mais alguma cousa....um olhar impercetivel, leve, veloz. Quem pode rugir a tao agradável demaneio! O bando encerrou o ciclo de sua perigrinação, com uma grande quermesse na ~~praça~~ publica, realizando no jardim da Praça da Republica, em frente ao Palácio do Governo, ornamentada de prédios magnificos, O teatro Santa Isabel, a Prefeitura Municipal, o Quartel de Policia, a Escola de Engenharia. O jardim era um bonito parque a' inglesa, enfeitado de palmeiras imperiaes imponentes. Ocupava a praça Para o certamen, comerciantes deram artigos muitos. As familias pernambucanas ofertaram aquilo que a arte feminina tinha de chic naquela epoca. Comissões de môças e rapazes se desdobraram na venda de bilhetes para sorteio. Cenas jocosas se deram naquele recanto da graça e de belesa. A mocidade passava veloz pelos passeios, ruindo da arremetida... e' que a brisa tenaz perseguia os boisos academicos, dessa mocidade valorosa, altruistica. Incongruencias da vida! Os mais audazes enfrentavam com calma, com desfaçatez os ataques com sorriso heroico..

A quermesse foi um successo! Toda coleta foi entregue ao Ministro do Interior, que a distribuiu pelos Governos dos Estados flagelados. Nota Curiosa:- O Piauí foi o unico Estado, cujo Governador, Dr. Arlindo Nogueira, agradeceu a Mocidade academica de Pernambuco, o concurso valioso. O Piauí, pequeno, mas reconhecido, deu uma lição de gratidão e civismo.

Seu ensino era um consorcio de principios, uma ecletismo de ideias, imatualizado com o materialismo e espirituismo. Definindo a Filosofia, e encaminhando garçol das cousas, ensinava ao aluno Herbert Spencer e Augusto Comte que a admitiam, não uma ciencia, mas uma sistematização ou ordenação de principios. A Ciencia, uma investigação da natureza intima das cousas e do destino das mesmas.

Entre o Materialismo (atomismo, ontologismo, realismo), constituinte

O Exaltado, o memorioso formoso saliente dessas passagens a sua
sol. Era justo que os olhos em recebendo a escola das m. as feminis-
mas, retribuíssem com um sorriso, com mais a uma coisa... um olhar
imperceptível, leve, valor. Quem pode injuriar tão agradável humano!
bando enverrou o ciclo de sua perseguição, com uma grande guerra
e na praza publica, realismo no jardim de Praça da República,
em frente ao palácio do Governo, ornamentada de predios magnifi-
cos, O teatro banco Isabel, a prefeitura municipal, o quartel de in-
fancia, a escola de Engenharia. O jardim era um bonito parque e in-
fancia, entulhado de palmeiras imperiais imponentes.
Era o certamen, comerciantes deram artigos muitos. As familias per-
municadas estavam agudo que a arte feminina linha de ocio maque-
la epoca. Comissões de môças e rapazes se desdobraram na venta de di-
phetes para sorteio. Genas jocosas se deram nacelle recento de pre-
za e de beleza. A moçada passava veloz pelos passos, lucido de
arremetida... e que a priza tenaz perseguiu os poiss academicos, des-
as moçada valerosa, altivistas. Incongruências da vida! Os mais su-
asas enfrentavam com calma, com destaques de atitudes.... com sor-

riso heroico...
A guernêsse foi um sucesso! Toda coisa rol entreve ao Ministro do
Interior, que a destituiu pelos Governos dos Estados Liberaes.
Nota Gurios: - O plani foi o unico estado, cujo Governador, Dr. Ar-
rindo Honreire, agradecou a moçada academicos de ernamundo, o com-
curso valioso. O plani, pequeno, mas reconhecido, den uma liga de
trabalho e civismo.

MEMORIAS ACADEMICAS.

Os Mestres do Primeiro Ano.

Audi Alteram Partem.

A Mocidade academica do Primeiro Ano recebia lições de Filosofia do Direito e de Direito Romano em um dos salões que ficavam ao longo dos corredôres que cortavam o monumento da Faculdade. No nosso tempo, a Academia estava num velho convento, sem arte, ao flanco esquerdo da Igreja do Espirito Santo, na Praça 17- Ocupava ela dois lados- do Norte e Leste; nos do sul e Oeste, a Delegacia Fiscal e a Sacristia da Igreja. Todas as aulas se realisavam no pavimento terreo, salvo as do quinto ano, no andar superior. Hoje a Escola de Direito tem construção propria, dirigida pelo Governo Federal, á Rua Riachuelo, com uma das frentes para a Praça 13 de Maio, soberba edificação com amplas dependencias inteiramente aptas ao mister. Além das cadeiras já referidas, o Primeiro Ano se completava com o Curso Complementar.

Desempenhava a ardua missão de lecionar Filosofia, o eminente Dr. - Laurindo Leao, filosofo adorado pela mocidade. Suas preleções eram objeto de curiosidade de todos os academicos, sem distincção de classe. O recinto regorgitava, toda a vez que mestre falava, no meio de silencio, finalmente interrompido por saravada de palmas. A verdadeira filosofia do mestre porem, nao era genuinamente compreendida. Os moços ouviã-no, apreciando mais o arroubo fluente das palavras; mais a catadupa da corrente oratoria arrojando-se impetuosamente, que os principios que dogmatisava. De erudição vastissima, preleção sua tornava-se uma conferencia de citações ininterruptas, frisando com enfase, os autores filosoficos que lhe eram afeiçoados, repetindo a cada passo seus nomes por inteiro, como para lhes dar mais importancia.

Sua escola seria um consorcio de principios, uma eclétismo de idéas, insatisfeito com o materialismo e espiritualismo. Definindo a Filosofia, o conhecimento geral das cousas, caminhava ao lado de Herbert Spencer e Augusto Comte que a admitiam, não uma Ciencia, mas uma Sistematização ou coordenação de principios. A Ciencia, uma investigação da Natureza intima das cousas e do destino dos seres. Entre o Materialismo(monismo, ontologismo, realismo), conceituando

Os Mestres do Primeiro Ano.

André Alferes Parthem.

A sociedade academica do Primeiro Ano recebia lições de Filosofia do Direito e de Direito Romano em um dos salões que ficavam ao longo dos corredores que cortavam o monumento da Faculdade. No tempo, a Academia estava num velho convento, sem arte, sem fiança esculpida da Igreja do Espírito Santo, na Praça IV - Ocupava ela dois lados - do Norte e Leste; nos do Sul e Oeste, a Delegacia Fiscal e a Secretaria da Igreja. Todas as aulas realizavam no pavimento térreo, salvo as do quinto ano, no andar superior. Hoje a Escola de Direito tem construção própria, situada pelo Governo Federal, e um Riachuelo, com uma das frentes para a Praça 13 de Maio, sobrepõe as lições com amplas dependências inteiramente aptas ao mister. Além das cadeiras já referidas, o Primeiro Ano se completava com o

Curso Complementar.

Desempenhava a árdua missão de lecionar Filosofia, o eminente Dr. Laurindo Leão, filósofo adorado pela mocidade. Suas preleções eram objeto de curiosidade de todos os academicos, sem distinção de classe. O recinto regurgitava, toda a vez que mestre falava, no meio de silencio, finalmente interrompidos por saravada de palmas. A verdadeira filosofia do mestre porém, não era genuinamente compreendida. Os alunos ouviam-no, apreciando mais o arroubo fônico das palavras, mais a catadupa da corrente oratória arrojando-se impetuosamente, que os principios que dogmatizava. De erudição vastíssima, preleção sua tornava-se uma conferência de citações interrompidas. Trilhando com enfase, os autores filosoficos que lhe eram afiados, repetindo a cada passo seus nomes por inteiro, como para lhes dar mais importância.

Sua escola seria um consórcio de principios, uma ecletismo de idéas, insatisfeito com o materialismo e espiritualismo. Definindo a Filosofia, o conhecimento geral das coisas, caminhava ao lado de Herbert Spencer e Augusto Comte que a admitiam, não uma ciência, mas uma sistematização ou coordenação de principios. A ciência, uma investigação das naturezas íntimas das coisas e do destino das seres. Entre o Materialismo (montano, ontologismo, realismo), conceituando

a Filosofia uma questão de substância, de essência, causa primária dos seres, da concepção das cousas pela existência da matéria com um só atributo, o movimento; e o Espiritualismo (idealismo, gnoticismo), explicando a peja existência de duas substâncias, a matéria e o espírito, cada um com seu atributo-movimento e estado psíquico; sua teoria se inclinava para o casamento das duas Escolas, constituindo o hilosoismo (ecletismo, simcrétismo), definindo-a-uma questão da existência de uma substância, mas com dois movimentos - isto é, dois atributos-movimento e estado psíquico. O professor ia ao encontro da velha máxima-in-medio- virtus-est- Entre os erros das duas Escolas, seria preferível, uma terceira conciliadora. O eminente mestre estribava-se ora no Monismo, ora no Dualismo. Sua teoria constituía um amalgama de concepções heterogeneas, tendente a formação de uma -Escola enciclopédica- si possível admitir, de difícil compreensão.

O calouro, por defeito oriundo da Lei do Ensino daquela época, que eliminou do Curso Preparatorio para ~~as~~ ~~as~~ // o curso de Direito, as cadeiras de Filosofia e Logica, fontes inconcussas dos primeiros - princípios, sentia-se ali sob o peso de grande confusão, só chegando ao seu raciocínio o marulho dos palavrões, com o ereito de bombas,, cujos estilhaços não ultrapassavam as paredes das construções. Teria o calouro que dispender duplo esforço para que pudesse assimilando, ajuisar dos princípios e sentenças filosóficas do grande mestre.

Professor erudito, orador primoroso, magoava-nos no catedrático, somente a grande desordem das idéas. Vêses durante a dissertação se - distanciava do tema da preleção para descambar exa abruptamente para seu magno assunto -a Mulher- Adorava a mulher como inspiradora das grandes cerebrações. Aos trinta anos, dizia, desprendêra-se de todas as mulheres e vivia unicamente para sua companheira do lar. Efectivamente era notoria sua extrema dedicação á Família e pelos rebentos desse amor celebrado, ele os tinha:

A mocidade de nosso tempo rel-o seu Paraninfo na formatura, homenagem merecida e digna.

Na Cadeira de Direito Romano se sentava Dr. Manoel Neto Carneiro Campelo. Sua aulas não tinham a frequencia das do Dr. Laurindo Leão, - apesar do rigor com o livro de presença. Os mçõs não se coadunavam com essa exigencia que feria a liberdade republicana nos seus altos direitos! Laurindo, ao contrario, não se encomodava com a impertinente medida do regulamento.

a filosofia uma questão de substâncias, de essências, causas primeiras
das coisas, da concepção das coisas pela existência da matéria com-
um se atribuiu, o movimento; e o Espiritualismo (idealismo, monis-
tismo), explicando a existência de duas substâncias, a matéria
e o espírito, cada um com seu atributo-movimento e estado próprio;
sua teoria se inclinava para o casamento das duas escolas, consti-
tuindo o hileísmo (ecletismo, aliorretismo), definindo-a uma ques-
tão da existência de uma substância, mas com dois movimentos - i-
top, dois atributos-movimento e estado próprios. O professor ia ao
encontro da velha máxima-in-médico-virtus-est-Entre os erros das
duas escolas, seria preferível, uma terceira conciliadora. O emi-
nente mestre atribuía-se ora no monismo, ora no Dualismo. Sua teo-
ria constituía um amálgama de concepções heterogêneas, tendente à
formação de uma - Escola enciclopédica - a possível admitir, de difi-
cili compreensão.
O caloroso, por defeito oriundo da lei do Enano daquela época, que
eliminava do Curso Preparatório para a Faculdade de Direito, as
cadeiras de Filosofia e Lógica, fontes inconcessas dos primeiros -
principios, sentia-se ali sob o peso de grande cansaço, ao chegando
ao seu raciocínio o marulho das palavras, com o efeito de bomba,
cuja explosão nas ultrapassagens as paredes das construções. Tinha
o caloroso que dispendia duplo esforço para que pudesse assimilar
a julgar dos princípios e sentenças filosóficas do grande mestre.
Professor erudito, orador primoroso, magôava-nos no catecismo, a-o-
mente a grande desordem das ideias. Vê-se durante a dissertação se -
distanciava do tema da preleção para descausar excessivamente para
em magno assunto - a Mulher - Aborvia a mulher como inspiradora das
grandes realizações. Aos trinta anos, já, desgrenhava-se de to-
das as mulheres e vivia unicamente para sua companheira do lar. E-
fativamente era notória sua extrema dedicação à Família e pelas re-
centos dessa amor celebrado, ele os tinha;
A modéstia de nosso tempo veio o seu farolinho na formatura, honra-
gem merecida e digna.
Na Cadeira de Direito Romano se sentava Dr. Manoel Neto Carmo. Um
peço. Sua aula não tinha a frequência das de Dr. Laurindo Leão,
apesar do rigor com o livro de presença. Os alunos não se descur-
vam com essa exigência que teria a liberdade republicana nos seus
altos diretos! Laurindo, ao contrário, não se encolava com um
pertinente medida ao regulamento.

A erudição do respeitavel professor-Neto Campelo girava em redor da questão de saber-Si o Direito vem da Justiça ou a Justiça do Direito, em concomitancia com o velho problema-Si o ovo vem da - da galinha ou a galinha do ovo. Salivas y Bellan consistiam seus autôres prédiletos e sua lições, reunidas em volume refletiam com apuro, o pensamento dos romanistas; e quando referia-se á sua propria opinião, repisava a expressão que era toda sua- a minha maniere- Fora do recinto das aulas, Dr. Neto era afetuoso e quem dele se aproximasse, se sentiria atraído pela sua gentileza.

Dr. Virginio Marques Carneiro heão lecionava o Curso Complementar, ora Filosofia, ora Direito Romano. Sua aulas tinham diminuta frequencia e muito adstricto no ponto das chamadas. Gostava de -Sabatinas, de surpresa, para pegar o estudante; e as fasia, após a chamada, quando os rapases não mais poderiam se escapulir do recinto das aulas. DR. Virginio gosava fama de ~~Attila~~ talentoso e erudito nas cadeiras que repetia. Quem o ouvisse, ficaria maravilhado da facilidade extraordinaria de falar. Criticava ora á Laurindo, ora á Neto, sem, todavia, firmar doutrina sua. Ferrenho nos exames, foi sempre o espantelho da calourada, neofita e ~~inexperiente~~. Privando-se com o Professor, de antipatico que era na catedra-revelava-se cavalheiro de fino trato, de amabilidade cativante. Todos eles, os nossos Mestres do Primeiro Ano compreendiam o dever que lhes impunha a missão ardua de ensinar. Traçando-lhes nestas Memorias, ligeiros perfis de suas pessoas, pretendem ~~nao~~ somente homenageal-os com o nosso sincero aprêço.

Nos primeiros meses do ano, estivemos á Travessa da Salvação que convergia para a Praçinha S. Antonio. Prédio de dois andares, de pequenas proporções, sem conforto hygienico, todavia comportava todos os necessarios com relativa bem estar. Os republicanos eram: além de nós, Basilio Ribeiro, Eustasio de Freitas, Crowell Carvalho, Alberto Carvalho, Ribeiro Gonçalves Filho, Luis Voto, Esmorino Moraes e José Nave (de Maranhão). Como companheiros adventícios, vinhamos por vezes, e camaradagem de José Neves, da Família e de Zaccaria A. Melo, de Pernambuco, ambos repates folgados apreciando mais a luz que os livros.

A diapense era dirigida por Luis Voto que fazia da republica, coisa de negocio, vendendo tudo a repagado e até insalvo a jurca. Aquelle tempo, havia o costume republicano de por diapense, recolher.

A erudição do respeitável professor-Neto Campelo girava em redor da questão de saber-se o Direito vem da Justiça ou a Justiça do Direito, em concomitância com o velho problema-si ovo vem da - da galinha ou a galinha do ovo. Silvas y Belian constataam seus autores predilectos e suas lições, reunidas em volume refectiam com apuro, o pensamento dos romanistas; e quando referia-se a sua propria opinião, repitava a expressão que era toda sua - a minha opinião - Fora do recinto das aulas, Dr. Neto era afetuoso e quem dele se aproximasse, se sentia atraído pela sua gentileza.

Dr. Virgílio Marques Carneiro não funcionava o Curso Complementar, ora Filosofias, ora Direito Romano. Suas aulas tinham dimensões frequentes e muito abstrato no ponto das chamadas. Gozava de - galinha - de surpresa. Para pegar o estudante; e as aulas, após a conclusão, quando os rapazes não mais podiam se esconder do recinto das aulas. Dr. Virgílio gozava fama de talento talentoso e erudito nas cadeiras que repetia. Quem o ouvisse, ficaria maravilhado da facilidade extraordinária de falar. Criticava ora a laureado, ora a Neto, sem, todavia, firmar doutrina sua. Terreno nos exames, foi sempre o espantoso da caligrafia, neólita e inquerente. Privando-se com o Professor, de antipático que era na cadeira - velava-se cavalheiro de fino trato, de embalada cativante.

Todos eles, os nossos mestres do Primeiro Ano compreendiam o dever que lhes impunha a missão árdua de ensinar. Treinando-lhes nestas mortas, ligeiras petas de suas peças, pretendendo de os somente menageiros com o nosso sincero apêço.

MEMORIAS ACADEMICAS.

A "REPÚBLICA" Da Rua Saldanha.

FORTUNATA TEMPORA.

AS férias academicas iam de Dezembro á Março do ano proximo. Após os exames que atingiam as proximidades do Natal, começava o exodo para os patrios lares. Muitos ficavam em Recife, pelos suburbios, folgando a vida, pela impossibilidade ^{de} alcançarem suas casas, devido a distancia, pela excessiva despesa, ou pelo praser de permanencia na Venesa Recifense.

De Abril em diante, a mocidade regressava afim de recommear o curso. Até Agosto(!), ainda aportavam á Pernambuco, os retardarios para os quaes, os Bedeis davam certa condescendencia. resultante de acôrdo prévio ao sabor monetario do funcionario. Si por ventura esse acôrdo não se cumpria por exigencias do bedel ou por fraude do estudante, fataimente seria eliminado pela rigorosa observancia do regu^lamento, riscado do ano por falta de frequencia, incapacitado por tanto de no praso legal inscrever-se na serie respectiva.

Eramos dos que, antes do fim de Abril já se achavam em Recife, prontos para reencetar a^lta. Chegamos assim nesse ano de 1904-se^undanista, na fase genuinamente vaidosa e compenetrada do curso academico. A sabedoria republicana cognominou-o de calouro enfeitado, maneira de redusir a vaidade do estudante dessa serie. O segundanista poderia ser a personificação da antipatia academica e circuntancia curiosa, só posteriormente, teria ele exata comprehensão do justo titulo.

Nos primeiros meses do ano, estivemos á Travesa do Saldanha que convergia para a Pracinha S. Antonio. Prédio de dois andares, de pequenas proporções, sem conforto higienico, todavia comportava todos e permanecemos com relativa bem estar. Os republicanos eram- além de nós, Saraiva Ribeiro, Custosa de Freitas, Cromwell Carvalho, Elisabeto Carvalho, Ribeiro Gonçalves Filho, Luiz Tote, Esmerino Moraes e José Neiva (de Maranhão). Como companheiros adventicios, tinhamos por vêses, a camaradagem de José Neves, da Paraíba e de Zacarias A. Melo, de Pernambuco, ambos rapazes folgazões apreciando mais a troça que os livros.

A dispensa era dirigida por Luiz Tote que fazia da república, casa ^{de} de negocio, vendendo tudo a rapaziada e até dinheiro á juros. Naquele tempo, havia o costume republicano de por eleição, escolher-

FORTUNATA TEMPORA.

As férias académicas iam de Dezembro a Março do ano próximo. Após os exames que atingiam as proximidades do Natal, começava o exodo para os patrios lares. Muitos tinham em Recife, pelos subúrbios, ficando a vida, pela impossibilidade de alcançar suas casas, devido a distancia, pela excessiva despesa, ou pelo prezer de permanencia na Veneza Recifeense.

De Abril em diante, a mobilidade regressava além de recommençar o curso. Até Agosto (!), ainda aportavam a Pernambuco, os retardatarios para os duzes, os Rebels davam certa condescendência. Resultante de acôrdo previo ao sabor monetario do funcionario. Si por ventura esse acôrdo não se cumpria por exigencias do bedel ou por fraude do estudante, fatalmente seria eliminado pela rigorosa observancia do regulamento, riscado do ano por falta de frequencia, incapacitado por tanto de no prazo legal inscrever-se na serie respectiva.

Ermos nos que, antes do fim de Abril já se achavam em Recife, prom- tos para reencontrar a vida. Chegamos assim nessa ano de 1904-05. banista, na fase genuinamente vaidosa e competente do curso acad- mico. A aspeitoria repubblicana cognominou-o de esloro enfeitado, mi- neira de redimir a vaidade do estudante dessa serie. O segundista poderia ser a personificação da antipatia académica e circumstancia curiosa, só posteriormente, teria elle exata comprehensão do justo ti- tulo.

Nos primeiros meses do ano, saivemos a Travesa do Salgada que con- vergia para a Tracina S. Antonio. Prédio de dois andares, de pau- nas proporções, sem conforto hygienico, todavia comportava todos e permaneciamos com relativo bem estar. Os repubblicanos eram- além de nós, Garibaldi Ribeiro, Luciano de Freitas, Cromwell Carvalho, Al- berto Carvalho, Ribeiro Gonçalves Filho, Luiz Tote, Esmarino Moraes e João Neiva (de Maranhão). Como companheiros adventícios, tinhamos por véses, a camaradagem de José Neves, da Paraíba e de Zacarias X- Melo, de Pernambuco, ambos rapazes folgazes apreciando mais a pro- va que os livros.

A diapana era dirigida por Luiz Tote que fazia de repubblicano, casa de de negocio, vendendo tudo a repastada e até dinheiro a juros. "aquele tempo, havia o costume repubblicano de por eleições, escolher-

-se o encarregado da boia e de outras despesas comessinhas, ao qual se dava o nome ^{de} Presidente ou Tesoureiro, investidura que poderia ser por um ~~mazppr~~ ou por tempo indeterminado, segundo a simpatia do ocupante. Ao chegarmos à Rua Saldanha, já Luiz Tote dirigia os negócios republicanos com imenso ^{prestígio}. A cozinha estava nas mãos de José Mulher, enraticamente apelidado -Zémuié, pois ralava demais e tinha maneiras singulares ao sexo fragil. Viera ele do Amaran-te, no Piauí, consignado aos manos-Cromwell e Elisabeto. Recife á esse tempo possuía um serviço de água e esgoto, constantemente censurado pela imprensa. Atribuía-se que os canos de chumbo contribuíssem para propagação de certas molestias, como a disenteria e outras, ~~Propagara-se~~ a colerina pela cidade, tomando caráter alarmante. O boletim demografico que a imprensa não exitava em publicar, registrava quinzenalmente para mais de seiscentos obitos na cidade! A impressão era de pavor nas républicas, sobretudo porque, nos aparelhos sanitarios não poderia haver a rigorosa higiene. Em cada um de nós, o receio da doença já se tornava uma obsessão! ^{se} Quem poderia fugir ao imperativo da situação?! Criou em cada républi-cano um compl-exo de terror, cuja ação poderosa só poderia explicar quem o sentiu! Aos primeiros embates da epidemia, ricaramos sôb um estado de espirito que era de espantar; pouco a pouco ~~porenn~~, nos ~~habituaramos~~ ao ambiente. ~~unico calouro da república, pouco~~ Na républica, as cousas marchavam sem choques, nem atritos até as ^{fontes} sãojoanêscas. Estas ~~mas~~ se faziam indispensaveis no tirocinio ^{academico}, apesar da relutancia dos mestres em concedel-as. A liberalidade para os folguedos das sortes e das cangicas custava-nos caro, pois que alguns dos professôres, não lecionando toda a matéria dos programas, caprichavam em incluil-os por compl-eto para os exames. Decorridos esses dias de ^{alegria}, os rapazes sentiam a necessidade de encarar com seriedade o estudo. Novembro se aproximava. A vadiagem tinha que ceder terreno, do contrario, o estudante rodaria no fim do do ano. Os republicanos da Travessa Saldanha Marinho compenetraram-se do sagrado dever. A casa regorgitava e se fazia mister um descongestionamento. Eliminamo-nos com outros, do ja crescido concerto de estudantes da historica -r-epública encravada na rua do imortal pro-gandista republicano. Safamo-nos para outros penates.

-se o encerramento da obra e de outras despesas consideráveis, ao qual se dava o nome de Presidência ou Tesouraria, investindo-se o beneficiário por um tempo indeterminado, segundo a situação do ocupante. Ao chegar a Rua Salim, de Luiz José de Oliveira, os negócios republicanos com imenso prestígio. A cozinha estava nas mãos de José Luiz, entretanto apelidado de Salim, pois tinha de mais e tinha maneiras singulares ao sexo frágil. Viu-se ele no momento, no final, consagrado os nomes Cromwell e Elisabeto. Realmente esse tempo possuía um serviço de água e esgoto, constantemente cedido pela imprensa. Atribuía-se que os canos de chumbo contribuíam para propagação de certas moléstias, como gonorreia e outras. Propagava-se a colúria pela cidade, tomando caráter epidêmico. O boletim demográfico que a imprensa não deixava em qualquer registro, guinadamente para mais de seiscentos mil na cidade! A imprensa era de pavor nas republicanas, sobretudo porque, nos pareceres sanitários não poderia haver a rigorosa higiene. Em cada de nós, o receio da doença já se tornava uma obsessão! Quem poderia fugir ao imperativo da situação? Criou-se em cada republicano um complexo de terror, cuja ação poderosa se poderia explicar com quem o sentiu! Aos primeiros embates da epidemia, ficaram sob um estado de espírito que era de espanto; pouco a pouco porém, nos habituamos ao ambiente. Na republicana, as coisas marchavam sem choques, nem atritos até ao fim das coisas. Assim se fazia indigestível no tipo de republicana. Apesar da relutância dos mestres em conceder-lhes a liberdade para os folguedos das artes e das canções cantava-nos caro, pois que alguns dos professores, não deixando toda a matéria dos programas, esprechavam em incluí-los por completo para os exames. De corrido essas dias de republicana, os repazes sentiam a necessidade de encerrar com seriedade o estudo. Novembro se aproximava. A verdade tinha que ceder terreno, do contrário, o estudante roberto no fim do ano. Os republicanos de Travesa Salim não conseguiram-se de sagrado dever. A casa republicana e se fazia mister um desconforto. Eliminam-se com outros, do já criado concerto de estudantes de história republicana enervada na rua do imortal pro-gandista republicano. Gafam-nos para outras penétes.

MEMORIAS ACADEMICAS.

A "REPÚBLICA" da Rua Cabugá.

FUGIT IRREPARABILE TEMPUS.

Outros penates encontramos logo ali perto, na Rua Cabugá, proxima á Travessa Saldanha, hoje chamada Rua Segismundo Gonçalves, inteiramente transformada. Nela, nos aderimos a' excellentes rapazes por todo resto do ano. Eram eles - Matias Olimpio, Heli Fortes, Simplicio Mendes e Aquiles Bevilaqua (do Ceará, de Viçosa).

A républica estava alojada no segundo andar de um prédio de tres, o mais alto edificio da curta rua que ficava entre a Praça Santo Antonio e a Pracinha da Independencia. O primeiro andar era occupado pelo Consultório do Ilustre Cirurgião-Dr. Arnobio Marques, com dependencia traseira onde residia uma familia pobre, mas honrada, em cujo conjunto se destacavam tres mocinhas que eram alvos de flirts de Matias e Heli, guardando eles a distancia necessaria pelo receio da farda de um Sargento do Exercito, irmão das cujas. No Pavimento terreo, havia uma loja de artigos para homens, de um Senr. Virgilio Cunha que preparava roupas, mediante prestações, afreguesado pela mocidade estudiosa.

Constantemente por lá aparecia Clodomir Cardoso (do Maranhão), que comnosco passava dias, cerrando as nossas rédes (de preferencia o nordestino usava a rede para dormir) e divertindo ^{nos} com sua prosa elegante e variada. Simplicio era o unico calouro da republica, pouco perseguido pelo trote, avesso que eramos ^{no} outros companheiros.

Repimpavamos a barriga no restaurante-Bôa Idéa= do simpatico Alfredo, á Travessa das Trincheiras, cuja caracteristica singular seria o de pouco falar, acodando por demais a rapaziada, afeita a palrar muito e pouco gostando de ser imitada. Alfredo, de calado, já se tornava taciturno. Sentado em cadeira elevada, em um dos cantos do salão de refeições, dominava sisudamente o recinto, ordenando por acenos a garçonerie, pairando acima daquelle concerto de vozes, em o qual a mocidade vivia de par com a caixeirada portuguesa, por natureza loquaz. Esse Restaurante tinha para nós uma vantagem, de se achar bem perto da republica. Para nosso Aquiles que finha a boia - em casa do Tio, o eminente Clóvis Bevilaqua, no longinquo bairro Madalena, diariamente vencia ele no calcanho a grande distancia, mesmo que cansassem suas pernas rijas e fortes. De compleição romana, - imberbe, Aquiles contava na sua vida academica um pouco de historia

FUGIT IRREPARABILIT TEMPOS.

Outros penates encontramos logo ali perto, na Rua Cabrita, proxima a Travessa Saldaña, hoje chamada Rua de S. Antonio Gonçalves, intacta e ante transformada. Mas, nos aderimos a excelentes rapazes por todo resto do ano. Trazem eles - Matias Olimpio, Heli Fortes, Simplicio Mendes e Aquiles Bevilacqua (do Ceará, de Viçosa).

A república estava alojada no segundo andar de um prédio de tres, o mais alto edificio da curta rua que ficava entre a Praça Santo Antonio e a Pracina da Independencia. O primeiro andar era occupado pelo Consultório do Ilustre Cirurgião-Dr. Arnaldo Marques, com dependências transeire onde residia uma familia pobre, mas honrada, em cujo cortiço se destacavam tres moçinhas que eram filhas de Matias e Heli. Quando ellas a distancia necessarias pelo recato da tarde de um parente do Exército, irmãs das outras. No pavimento terreo, havia uma loja de artigos para homens, de um genr. Virgilio Cunha que preparava roupas, mediante prestadores, atrevesado pela moçada estudiosa.

Constantemente por la apparecia Clodomir Cardoso (do Maranhão), que comosco passava dias, arranjando as nossas rêsas (de preferencia o destino usava a rede para dormir) e divertindo com sua prosa elegante e variada. Simplicio era o unico calouro da república, pouco perseguido pelo troço, avesso que eramos outros companheiros.

Reprimvamos a barba no restaurante-Bôa Idea do albaico Alfredo, a Travessa das Trincheiras, cuja caracteristica singular seria o de pouco falar, aproveitando por demais a rapaziada, e muito e pouco contando de ser limitado. Alfredo, de calado, já se tornava taciturno. Sentado em cadeira elevada, em um dos cantos do salão de refeições, dominava altamente o recinto, ordenando por scenos a reconferencia, patinando solms daquelle concerto de vozes, em o qual a moçada vivia de par com a caixeteira portuguesa, por natureza loquaz. Esse restaurante tinha para nos uma vantagem, de se achar bem perto da república. Para nosos Aquiles que tinha a poia em casa do Tio, o eminente Clóvis Bevilacqua, no longinquo bairro Madalena, distanciamos vendeo ele no calceado a grande distanca, medindo que chegasse as pernas rijas e fortes. De completo romanesco, imberbe, Aquiles contava na sua vida acedemico um pouco de historias

alégres, narradas com riso pelos colegas. Peviyaqua vivia originalmente na républica em traje de Adão e por isso certa vez passou estreito: Morava eje nessa ocasião com outros companheiros, á Rua da Aurora, em um segundo andar. No primeiro residia um Bacharel, paraltico, casado, sem filhos. A républica na parte traseira estava em reparos, de modo que algumas taboas retiradas, viase a cosinha do visinho do -- primeiro andar. Aquiles se dirige para o banho, no inveterado habito de andar nu e escapole pela abertura, caindo na cosinha do visinho. A cosinheira ao ver o espetaculo, corre arlita para junto do patrão que almoçava em companhia da mulher, exclamando -um homem - nu! Pode-se avaliar a situação do nosso companheiro que felizmente nada sofreu fisicamente, escondido no vão de uma janela, lhe aparecendo aquilo que de preferencia deveria estar oculto! E ^{nao} menor do dono da casa, a unica pessoa que poderia ir verificar e resolver a - coisa. Avisados os r-epublicanos, envolveram-no em lenções, passando ele impavido no meio do riso dos donos da casa e das troças dos colegas. Nas suas constantes viagens para cerrar a boia do Tio, - de certa vez, adoentado de um dos olhos, voltava pachorrentamente, com o lenço protegendo o olho doente, quando menos espéra, encontra-se o estudante debaixo das patas dos burros do bond, com grande trabalho para o cocheiro retirá-lo, no meio do riso dos passageiros. Falava com orgulho do Tio sabio, parentesco que nos proporcionou a honra de visita do eminente Jurisconsulto e da sua digna esposa -D. Amélia. A républica limpou-se para recebê-los. Acolhemos os visitantes com a decencia possivel em uma casa de estudante. Oferecemos-lhes doces secos e outras guloseimas. D. Amélia e o grande Clovis mostraram-se encantados!

Do Piauí viera para o Républicano Heli, um caixão com doces e queijos. A boa nova correu célere pelo mundo academico, se enchendo a casa de visitantes. Em poucos tempos foi destruido o grande carregamento. Aquiles que sempre tivera fóros de comelão, ultrapassando a Matias, de conceito firmado na matéria, foi o maior flagelo dessa época de abundância e com circunstancia curtiosa/ inimigo de Heli, referia ele, estar incompativel com o bom colega e não com seus doces!

A vida academica decorria aligera, feliz, na audição das lições dos Professôres, no circulo confortante dos môços. Nas ruas, flanava-se a existencia, nos cafés, nos teatros, prédilêta distração da estudantada que sacrificava a barriga, para ir ouvir o lirico, o drama, a co-

algumas, narradas com riso pelas colegas. Devíamos vivificar-nos
 te na república em traje de Abas e por isso certa vez passou este
 morava ele nessas ocasiões com outros companheiros, à Rua da Aurora, em
 um segundo andar. No primeiro residia um Bacharel, parafuso, casado,
 o, sem filhos. A república na parte trasqueira estava em repórter, de
 modo que algumas taboas retidas, visse a cozinha do vizinho do --
 primeiro andar. Aquelas se dirigia para o banho, o inveterado habi-
 to de andar nu e escapote para abertura, caindo na cozinha do visi-
 nho. A cozinheira ao ver o espetculo, corre atenta para junto do -
 paiço que almoçava em companhia da mulher, exclamando - um homem -
 nu! Logo-se avalia a situação do nosso companheiro que relamente
 anda sobre fisicamente, escondido no vão de uma janela. Já a pa-
 recendo aquilo que de preferência deveria estar oculto! E menor do
 dono da casa, a única pessoa que poderia ir verificar e resolver a -
 coisa. Avisados os repúblicanos, envolveram-no em lençóis, passaram-
 do ele impavido no meio do riso dos donos da casa e das troças dos
 colegas. Nas suas constantes viagens para correr a bola do tio,
 de certa vez, adontado de um dos olhos, voltava pavorosamente,
 com o lenço protegendo o olho doente, quando menos esperava, encon-
 tra-se o estudante debaixo das patas dos burros do boni, com grande
 trabalho para o cocheiro retirar-o, no meio do riso dos passageiros.
 Talava com orgulho do tio abio, parentesco que nos proporcionou a
 honra de visita do eminente jurista e de sua filha esposa - D.
 Amélia. A república impõe-se para recebê-la. Acolhemos os visita-
 tes com a decência possível em uma casa de estudante. Oferecemos-lhes
 doces secos e outras guloseimas. D. Amélia e o grande Glória mostra-
 ram-se encantados!

Do Rio de Janeiro para o Repúblicano Heli, um caixão com doces e qu i-
 jos. A pôs nova corrente pelo mundo acadêmico, se enchendo a ca-
 sa de visitantes. Em poucos tempos foi destruído o grande carregamento
 to. Aquelas que sempre tiveram fôros de comelão, ultrapassaram do a faci-
 sa, de conceito firmado na matéria, foi o maior fiasco de suas épocas de
 epetança e com circunstâncias inimigas de Heli, referia ele,
 estar incompatível com o bom colégio e não com seus doces!

A vida acadêmica decorria alegre, feliz, na audição das lições dos
 professores, no círculo confortável dos móveis. As ruas tinham-se a
 existência, nos estes, nos teatros, prédios distantes de estudan-
 tada que sacrificava a partida, para ir ouvir o lírico, o drama, a co-

média e contemplar as beldades. Nas républicas tudo era objeto de troca, de alegria, mesmo carregada a atmosfera com as epidemias, a que viera incorporar-se a bubonica. Matias e Aquiles contaminados de moléstia esquisita que a sapiencia academica classificou de -Sarna Juridica, tocavam rébeka e dançavam o já comêca-impulsionados pelo mal aristocratico que a medicina do Dr. Arnobio Marques aconselhava os banhos sulfúreos. Heli dogmatisava ser acreolina, dissolvida nagua, o melhor desinfetante para combater o microbio de Tersan. Acatando a lição da hygiene, procuravamos com a extinção dos ratos que na républica abundavam, eliminar o maior propagador do mal indiano. Simplicio fasia dos estudos, não um meio de vida, mas um passo para Holmes. Ser segundanista era melhor, apesar do pessimo conceito, - que continuar calouro e ele queria tirar a todo transe a casca.

médica e contemporar as belas-artes. Nas repúblicas como em o de
prova, de algebra, mesmo carregada a atmosfera com as epidemias, a
que viera incorporar-se a duonômica.

Latias e Aquilas contaminados de moéstia esquistas que a esolencia
cademica classificou de -arna musica, toceavam pecca e bandavam
o la comoca-impulsiões pelo mal aristocratico que a medicina do
Dr. Arnobio larches conoselhava os banhos enfríosos.

Histogmatias ser porcolis, dissovidis nague, o melhor desinte-
ante para combater o microbio de terran. Ao atando a lido de higie-
ne, procuravamos com a extinção dos ratos que reproduziam abunda-
vam, eliminar o maior propagador do mal indiano.
Estiplicio faia dos estudos, não um meio de vida, mas um passo para
moéstias ser segunçanistas era melhor, apazar o pessimo conscito,
que continuar calouro e ele queria tiher o tofo trame, e o o.

MEMORIAS ACADEMICAS.

O INCIDENTE DIPLOMATICO-Brasil-Versus-Bojivia.

DULCE ET DECORUM EST PRO PATRIA MORI.

O patriotismo é espontaneo em todos os Povos, conscios da sua soberania e integridade terrotorial. Como o individuo que defende a-Familia-/patria pequena", o Estado, cabeça pensante da Patria"Familia grande" é seu defensor nos momentos bons ou maos, sentinela de sua segurança.

Repercutira no Paiz, no decurso desse ano de 1904, o acontecimento - alarmante de a Bojivia ter invadido o territorio brasileiro na região do Acre. Anteriormente fatos de somenos importancia e escamufas contra os Acreanos, sempre defendidos pelo saudoso caudilho Placido de Castro, ~~estava~~ guarda alerta dos interesses da Patria naquela região, iam perturbando a paz na fronteira *dos dois países*. Dessa vez, o incidente tomara feição grave, pois que era o proprio Presidente da Bolivia, General Pando, depois assassinado misteriosamente, á frente de tropa, ^{que} invadira o Acre, com surpresa para o Brasil e para a America.

A mocidade brasileira de todas as Escolas superiores se levantou em brado unisono, profligando a invasão e concitando o povo para - reação imediata.

A diplomacia ao eminente Barão do Rio Branco, Ministro de Exterior desenvolvia esforços inauditos para soluconar o conflito; ao mesmo tempo que o Governo internamente agia, enviando forças do Exercito para o teatro dos acontecimentos.

Em Recife, os moços, em mitingue permanente movimentavam a cidade e o povo acompanhava com simpatia a mocidade na ação de incitamento pela defesa do solo patrio. O exercito em atividade se aprestava para seguir. Os batalhões, em marcha de guerra, se apresentavam garbosos. Cada embarque de tropa seria mais uma apoteose aos heroes soldados. A mocidade, o povo os acompanhava ao porto da Linguêta, em passeiata triunfal, em ovação constante. Discursos e mais discursos, cheios de palavras de coragem e patriotismo!

Não somos apologistas da guerra, entretanto, ofensas ha que difficilmente admitem reparações, taes as feridas abertas. Todos nos senti-

C INCIDENTE DIPLOMATICO-BRASILEIRO-VENEZUELANO.

FROM AIRTEL OFF THE MOROCCO TE MOROCCO

grande" é seu defensor nos momentos bons ou maos, sentinela de sua a-
milta-patria pequena", o Estado, opeça pensante da Patria-Familia
bernit e integridade territorial. Como o individuo que defende a Pa-
O patriotismo é espontaneo em todos os Povos, consciencia de sua so-

Para a América.
mente, a frente de tropas, invadir o Acre, com surpresa para o Brasil.
Presidente da Bolívia, General Fando, depois assassinado misteriosa-
mente, o incidente tomara feição grave, pois que era o próprio
naquela região, iam perturbando a paz na fronteira do Brasil.
cido de Castro, a guarda alerta dos interesses da região.
das contra os Acreanos, sempre defendidos pelo asubroso candidato Fla-
vão do Acre. Anteriormente fatos de somenos importância e escassa im-
portância de a Bolívia ter invadido o território brasileiro na repul-
são da Bolívia no Acre, no decurso desse ano de 1904, o acontecimento -

para o teatro dos acontecimentos.
tempo que o Governo internamente agia, enviando forças do Exército
desenvolviam esforços finâncios para solucionar o conflito; ao mesmo
A diplomacia do eminente Barão do Rio Branco, Ministro de Exterior
resposta imediata.
trabalho unânime, propagando a invasão e combatendo ao povo para -
A sociedade brasileira de todas as escolas superiores se levantou em
em para a América.

passadista primitiva, em ovação constante. Difícil e mais discreta, os companheiros do Porto da Lingueta, em sua vida empreon de tropa seria uma espécie de heróis sol- ta seguir. Os Patallões, em marcha de guerra, se apresentavam pelo pela defesa do solo pátrio. O exercício em atividade se apresentava pe- o povo acompanhava com simpatia a mocidade na ação de incitamento Em Realde, os moços, em marchas permanente movimentavam a cidade e para o exercício das armas.

mente admitam reparações, mas as fétidas abertas. Todos nos sentia-

Não somos apologetas de guerras, entretanto, cremos na que difundi-

cheios de palavras de coragem e patriotismo!

mos a extrema crueldade de matar para satisfazer odio, mas, si por esta race, a guerra é repugnante, por outro lado, a reacção com o fito altivo de repelir assalto faz subir um povo, uma nação no respeito universal.

O Brasil, si já tem sofrido ^{arranhões} na sua dignidade, ha mantido todavia sua integridade, se elevando no conceito dos povos, pelo levantamento de sua ideas de paz e justiça.

A mocidade de Recife se ofereceu ao Governo da Republica, para em defesa de nossa soberania, marchar para o Acre. O gesto foi edificante! O Presidente Rodrigues Alves agradeceu o patriotico oferecimento. Seu Ministro da Guerra, o Marechal Argôlo nos endereçou telegrama magnifico, que ainda não era preciso o sacrificio dos môços. A Nação estava agindo para não ir á luta e dispunha de força bastante, contudo não dispensava o concurso da mocidade, desde que este se fizesse necessario.

Si bem que nesse entusiasmo dos estudantes, espontaneamente se entregando á discrição dos poderes publicos, ^{houve} um ~~bocado~~ ^{momento} de ~~exibição~~ ^{exibição} ou rita, o ato patriotico dos môços ecoou com agrado no espirito nacional.

Já dissemos que a mocidade procura sempre entudo a alma da troça, para rir e fazer ^{os} outros tambem. De envolta com a indignação que ela sinceramente mostrou, houve passagens que mereceram boas risadas.

Ocorre-nos recordar um incidente bem flagrante dessa agitação que passou célere e entrou para a formação da historia academica. Ao mesmo tempo que os estudantes telegrafavam ao Governo, se pondo á sua disposição, marchavam compactos para o Quartel General do Distrito, afim de se apresentarem ao Chefe do Distrito, O General Serra Martins. Queriam constituir um batalhão e seguir para o Norte. O General gentilmente ordena ao seu secretario, ofereça papel para assinatura dos patriotas! Mirabile dictum! Houve um ~~reacção~~ ^{reacção} pasmoso! Do todo que lá estava, pequena parte ficou e assinou! A mocidade não pensou calmamente para o passo que ~~de~~ ^{de} ~~da~~ ^{da} dar. Admitia que o General agradecesse em gesto largo, mas, inteligente e perspicaz, quiz coher a rapaziada na armadilha e fel-o com ardil digno do militar.

A nota mais comica e pandega desse movimento foi talvez o trote aplicado em regra a' um calouro do Maranhão, Constancio Carvalho. O veterano Clodomir Cardoso, companheiro de republica de Constancio, ~~de~~ ^{de} pregou ^{de} uma pêça. Incutindo no animo do calouro, que teria visto o nome del na lista dos patriotas, fal-o ~~de~~ ^{de} ~~armar-se~~ ^{armar-se} e depois de bem conven-

me dei na lista dos patriotas, tal-o-qual-mar-se e depois de bem convencer pregou uma peça. Incentivando no ânimo de calor, que teria visto o no- no Clodomir Cardoso, compatriota de república de Góstanio, e vele- cado em re-re a um calor de Maranhão, Góstanio Garvalho. O vele- A nota mais comica e pandega desse movimento foi talvez o trope agili- tel-o com artil digno de militar.

mas, inteligente e perspicaz, quiz colher a repaziada na armadilha e - passo de da dar. Admitia que o General agradecesse em gesto largo e pequena parte ficou e assassinou! A moçada não pensou calmamente para o tas! Mirabile dictum! Houve um re-re pasmoso! Ao todo que lá estava, - e ordena ao seu secretário, oferece papel para assinatura dos patrio- constituir um batalhão e seguir para o Norte. O General gentilmente se apresentarem ao Chefe do Distrito, o General Gerra Martins. Queriam ação, marchavam compactos para o Quartel General do Distrito, e fim de tempo que os estudantes telegrafavam ao Governo, se pondo a sua dispo- son carcere e apêron para a formação da história acadêmica. Ao mesmo - Ocorre-nos recordar um incidente bem flagrante dessas situações que pas- sinceramente mostrou, houve passagens que mereceram boas risadas.

re vir e tas das outras também. De envolver com a indignação que ele- Já dissemos que a moçada procura sempre emuldo a alma da tropa, pa- o ato patriótico dos môdos acom com agrado no escritório nacional.

ganho a discrição dos poderes públicos, um ocaso de exibição ou luta, entre- Si bem que nesse entusiasmo dos estatutos, espontaneamente se entre- necessário.

do não dispensava o concurso da moçada, desde que este se fizesse trave agindo para não ir a luta e disparada de força bastante, comu- fício, que ainda não era preciso o assentimento dos môdos. A luta o es- Ministro da Guerra, o Marquês Amorim nos endereçou telegrama maral- O Presidente Rodrigues Alves agradecem o patriotico oferecimento. Sem feza de nostra sobretudo, marquês para o Acre. O gesto foi edificante! A moçada de geste se ofereceram Governo da República, para em ge- tamento de sua liberdade de paiz e justicia.

havia sua integridade, se elevando no conceito dos povos, pois levan- O Brasil, si já temperado arranjos na sua dignidade, he mandado to- universal.

alivo de repeir assalto ter anar no povo, uma nação no respeito esta raça, a guerra é reputante, por outro lado, a nação com o lido nos a extrema crudeza de estar para estimar o lido, mas, si por

-cido, apesar de confessar que não estivera lá, no ato das assinaturas. Alvitrou Clodomir um meio talvez eficaz-você vai a presença da mulher do General, que é maranhense como você e impere/ sua misericórdia, pedindo seja eliminado seu nome da lista, do contrario, marchar-a para o Acre, equipado, em pé de guerra. A bruta de Clodomir sortiu efeito sobre o inerte. Em presença da digna senhora e tudo verificado, foi que o calouro compreendeu o espirito de troca do veterano.

O caso do Acre foi solucionado em favor dos interesses brasileiros e particularmente dos Acreanos. Como preliminar que sustasse toda e qualquer incursão no territorio nacional, foi assinado um -modus-vivendi- precursor de um Tratado definitivo entre as duas nações.

A diplomacia do inoxidável Rio Branco mais uma vez triunfara, salvaguardando a integridade do solo patrio, firmando-se o celebre Tratado de Petropolis de 1903.

A mocidade cumpriu seu dever e para gaudio dessa grande movimentação, o agradecimento do Governo, felicitada pelo gesto de civismo, de repercussão em todo o Brasil.

-cído, apesar de confessar que não estivera lá, no ato das suas
naturezas. Aliviou-o, porém, um meio talvez eficaz-você vê a presença
da mulher do General, que é maranhense como você e infelizmente sua mi-
sericórdia, pedindo seja eliminado seu nome da lista, de contrário,
marcar-se-á para o Acre, equipados, em pé de guerra. A prata de Gior-
tomir sortiu efeito sobre o fielme. Em presença de alguns senhores e
tudo verificado, foi que o colôro compreendeu o espírito de troca
do veterano.

O caso do Acre foi relacionado em favor dos interesses brasileiros
e particularmente dos Acreanos. Como preliminar que existasse toda e
qualquer incursão no território nacional, foi assinado um modus-vi-
uendi - precursor de um Tratado definitivo entre as duas nações.
A diplomacia do inofensível Rio Branco mais uma vez triunfara, assi-
segurando a integridade do solo pátrio, firmando-se o celebre Tra-
tado de Petrópolis de 1908.
A mocidade cumpriu seu dever e para gaudir de uma grande movimentação,
o agradecimento do Governo, felicitada pelo gesto de civismo, de re-
percução em todo o Brasil.

MEMORIAS ACADEMICAS.

OS LENTES DO 2º ANO.

EGO ILLOS VENEROR ET TANTIS NOMINIBUS
SEMPER ASSURGO.

Os segundo-anistas, por alcunha-Capuros-enfeitados ouviam lições de Direitos-Civil, Constitucional e Internacional, dos doutos mestres-Adolfo Cirne, Pereira Junior e José Vicente.

Adolfo da Costa Cirne, cercado da aureola de grande civilista, distribuía seu pujante e erudito saber pelas divisões do Direito Civil, nos conduzindo gradativamente até o quarto ano. Conquistara a simpatia da mocidade e dela dispunha sem rodeios. Poderíamos afirmar até, que nenhum outro professorosara de mais prestígio e força moral que o notável catedrático, e se impozerá não só pelo fulgurante preparo jurídico, como pelo modo generoso com que tratava a estudantada. E si Laurindo, pela filosofia, pelo talento, pela eloquência arrabata-dora, pelo amor consagrado aos estudantes, soubera prender aos moços, Adolfo Cirne destacava-se pelo cavalheirismo e seduzindo pelo humourismo da prosa sadia e instrutiva.

Rigoroso com o livro de chamada, não dispensava afalta, contudo seus discipulos compareciam ás suas aulas, ouvindo-o com religiosa atenção. Têses aridas, temas fastidiosos, assuntos estereis, o incomparavel lente os entremetava de pi-hérias, trescalando não raramente a malícia velada. Espirito de finura admiravel, castigava aos moços, com leves censuras, lhes applicando a velha maxima-ridendo castigat mores.

Em nossa formatura, representou ele os Lentes do Quarto Ano e para testemunhar seu desvanecimento, ornou nosso quadro fotografico com um pensamento, síntese de sua grande atuação em tres anos de convivio juridico conosco: -Cultivar o Direito não é somente estudal-o na sua genese e evolução e conhecer as sua normas. É precisb tambem identificar-se com ele, proclamando-o intangivel e defendel-o contra quem quer que seja.

Pereira Junior (Antonio Gomes) ocupava a cathedra de Direito Publico Constitucional. Simpatizado como Cirne, caminhava de par com este em prestígio no seio academico. Si esse dominava pela alta cultura, aquelle se salientava pela benevolencia e amizade sincera pelos moços, não se descurando de avival-as, nos momentos dificeis. Nos examaes então, Pereira Junior quasi que acintosamente amparava a rapasiada.

Infelizmente não o tivemos ao nosso lado nesse período épico da Jornada académica. Esse ano de 1904 foi funesto à Academia. Desapareceram, levados pela morte Antonio Estevam, Clodoaldo Sousa, Martins Junior e Pereira Junior. Martins Junior, extinta a cadeira de Direito Nacional, que prelecionava, era um elemento à parte no Corpo Docente, entretanto ~~assim~~ estava incorporado ao patrimônio da Faculdade. Seu passamento ocorrido no Rio, abalou o recinto académico, sendo seus restos mortaes trasladados para Recife, com a intervenção da mocidade. Em fins de Setembro, Pereira Junior é abatido por cruel pneumonia que o levou ao tumulo. O mestre não era uma ilustração, mas um talento, - ornado de educação aprimorada. Ensinando-nos o Direito Publico, encaminhava suas dissertações pelas luzes que emanavam das lições de Soriano de Sousa, já atrasadas no conceito moderno; Pereira Junior si não morre, teria derrotado a Laurindo no nosso paraninfado. José Vicente Meira de Vasconcelos espargia luz de seu talento pelas vastas paginas do Direito Publico Internacional. Palavra facil, eloquente, suas orações eram entusiastas. Si falava sobre um assunto de magna relevancia, silicet-Uma Cosmopolis do Direito-a conferencia tinha culminancia admiravel. Velho, com organização de mogo, espirito voltado para os grandes idéas, acreditava na paz e concordia universal.

José Vicente tinha como outrem, sua preguiçasinha... seu programa exaustivo, compunha-se de mais de quarenta pontos, entretanto, explicaria quando muito a terça parte e pela época dos exames, impingia toda a matéria. Para defender-se do desleixo, alegava parcos ordenados pelos serviços prestados.

O mestre representou o Corpo Docente no Segundo Anno ^{no} nosso grande quadro. A politica afastou-o da cadeira de professor, levando-o ao Congresso Nacional, no tempo da revolução do General Dantas Barrêto, voltando pouco depois para morrer, quando todos nós, já nos achavamos espalhados por este grande Brasil.

Infelizmente não o tivermos no nosso lado nesse período épico da
formada académica. Esse ano de 1904 foi transferido a Academia. Desapareceram,
levados para morte-Antonio Esteves, Olopho de Sousa, Martins Junior e Pereira Junior.
Martins Junior, ex-líder e cabeça do Direito Nacional, que presidiu a parte no Corpo Docente,
entretanto não estava incorporado ao patrimônio da Faculdade. Seu
passamento ocorreu no Rio, espalando o recado académico, sendo assim
restos mortais transferidos para Recife, com a intervenção da sociedade.
Em fins de Setembro, Pereira Junior é atingido por cruel pneumonia que
o levou ao túmulo. O mestre não era uma figura raso, mas um talento,
ortado de educação apurada. Ensinava-nos o Direito Público, en-
caminha suas dissertações pelas luzes que emanavam das línguas de-
goriano de Sousa. Já atravessando conceito moderno; Pereira Junior
ai não morre, teria derrotado a laurinda no nosso parâmetro.
José Vicente Leite de Vasconcelos espargia luz de seu talento po-
las vastas páginas do Direito Público Internacional. Palavra fácil,
eloquente, suas orações eram entusiasmantes. Ai falava sobre um assunto
de magna relevância, affixet-uma Cosmopolita do Direito-a conferência
tinha culminância admirável. Velho, com organização de modo, espírito
voltado para as grandes idéas, acreditava na paz e concórdia univer-
sal.
José Vicente tinha como outros, sua preocupação... seu programa exau-
tivo, compunha-se de mais de quarenta pontos, entretanto, explicava
quando muito a terça parte e pela época dos exames, tinha toda a
matéria. Para defender-se do desleixo, alguns poucos ordenados pelos
serviços prestados.
O mestre representou o Corpo Docente no Segundo Ano, nosso grande con-
dro. A política estava-o de cabeça de professor, levando-o ao Con-
gresso Nacional, no tempo da revolução do General Benta Barreto, vol-
tando pouco depois para morrer, quando todos nós, já nos achávamos es-
palhados por este grande Brasil.

MEMORIAS ACADEMICAS.

OS TROTES.

CUM GRANO SALIS.

Os Trotes constituem um emblema na vida academica. Em cronica qual-quer por mais simples dessa fase imortal, imprescendivel se torna re-ferencia ~~AbbaaAbbaa~~ in-primo-locum aos trotes, especie de capa-cête eletrico que sanêa o espirito do calouro, das impuresas que ele pôssa trazer do ambiente externo e ingressar no concerto dos puros, dos veteranos. Enraizado nos costumes academicos, vieram eles de pris-cas éras. ~~muito~~ afastadas, remontando talvez á época de Justiniano, o Imperador das -Institutas.

Nas Escolas brasileiras, os trotes faziã parte do programa estudan-tesco. O espirito de renovação tem procurado extirpal-o dos habitos academicos, como revivescencia de tempos de outrora.

Riscal-osdos bancos escolares é matar um dos caracteristicos mais vi-vos e alêgres desse periodo estudantino.

Os Trotes são um banho de civilisação no calouro ao penetrar na Aca-demia, com a casca grossa, necessitando de ser afinado do envolucro de estupidez. Observava-se frequente, que a dispensa do banho rege-nerador, concorriria para menos compreensão dos aspectos da verve nos seus multiplos sainêtes, não tolerando a pilhéria, remoque vivo, in-sinuante. Ao contrario, aquele que recebia a lição purificadôra, se -mostraria escovado, descobrindo inteligencias incubadas, irônicas, hu-mouristicas, satiricas.

Falamos ex-cathedra, pois que fomos bastante troteado ~~na~~ republica (não se admita que sejamos espirituosos), e acossado ~~por~~ por eles, pro-curamos fugir do convivio de alguns veteranos, para um campo mais -folgado.

Em começo de nossos estudos juridicos, tivemos como companheiros -Aquiles Bevilaqua, José Lopes, Julio Lima, Lucrécio Avelino, Pelepi-das Vieira e João Gomes, á Rua do Imperador, todos veteranos, poden-do assim avaliar o assedio constante em ^{que} se via o pobre calouro. Pos-teriormente, resolveramos nossa muda e fomos ser companheiro, ainda á mesma rua, de Lustosa de Freitas, Merval Vêras, Cromwell carvalho, Sa-raiva Ribeiro e Gonçalo Cavalcanti. Ostres ultimôs calouros como nós, folgando-se um pouco, apesar das pilhérias de Lustosa.

Não pretendemos falar dos trotes que no norte significam vulgarmente

Os Tropes constituem um indelével na vida académica. Em cronica crasi-
 quer por mais simples dessas fases imortais, impressões que se tornam re-
 ferencia ~~inextinguível~~ in-extinguível - nos Tropes, espécie de caps-
 cete eléctrico que apanha o espirito do calor, das impressões que ele
 possa trazer do ambiente externo e ingressar no concerto dos duros
 dos veteranos. Enfiado nos costumes académicos, vivem eles de pri-
 cas éras. ~~Muitas~~ Muitas estatísticas, remontando talvez a época de Justiniano, o
 Imperador das - Instituições.

Nas Escolas brasileiras, os Tropes fazem parte do programa estuda-
 tesco. O espirito de renovação tem procurado extrair o dos hábitos
 académicos, como revivências de tempos de outrora.

Rituaes - os dos bancos escolares é manter um dos característicos mais vi-
 vos e elegantes desse período estudantil.

Os Tropes são um banho de civilização no calor do calor ao penetrar na Aca-
 demia, com a casca grossa, necessitando de ser afinado de envolvero
 de estúpidos. Observa-se frequentemente, que a disparidade do banho rega-
 nador, concorreria para menos compreensão dos aspectos da verve nos
 seus múltiplos asintomas, no tocando a liberdade, remoque vivo, in-
 sinuante. Ao contrário, aquela que recede a linha purificadora, se -
 mostraria escavado, descobrindo inteligências incubadas, trônicas, in-
 mortais, artísticas.

Falamos ex-catheto, pois que formamos bastante protestos republicanos
 (não se admite que sejamos espiritualistas), e escavado por eles, pro-
 curamos trair o convívio de alguns veteranos, para um campo mais -
folgado.

Em começo de nossos estudos jurídicos, tivemos como companheiros
 Aquiles Benvilense, José Lopes, Antônio Lima, Inácio Avelino, Pedro
das Vellas e José Gomes, a Rua do Imperador, todos veteranos, posen-
do assim avaliar o assédio constante em se vis o pobre calor. Por-
 temente, resolveremos nossas muitas e formas ser companheiro, ainda a
 mesma rue, de lutas de Freitas, Merval Vellas, Cromwell Carvalho, pa-
reia Ribeiro e Gonçalo Gualberto. Outros últimos calor como nós,
 folgando-se um pouco, apesar das liberdades de lutas.

Não pretendemos falar dos Tropes que no norte significam algum

Cascudos, sôcos, sopapos, sim do fino estilêto do espirito interessando a moral, aos costumes, a pihêria insinuante, sutil provocando ~~o~~ o bom humor, o riso.

In-nilo-tempore na Academia, eram varios e polimorfos os trotes:- os calouros em formatura de pelotões, palitós virados pelo avêso e fase sel-os marchar pelas ruas, vaiados pelos veteranos, era motivo para riso geral. Formar cordoes de veteranos a entrada dos corredôres da Academia e apupar a calourada seria magnifico para os espectadores. Obrigar-os a repetir massudamente, em monotonia fatigante, os tres períodos da infancia da vida, em ma hora criados para moer o calouro, -- isto é, que os períodos da infancia da vida sao tres:-primeiro que é chorão; segundo que não é chorão ^{triste} ~~que nao é~~ e nem pode ser chorão... canta o sabiá no Brasil, responde o rouxinol em Portugal; o cantar do de l-á, com o responder do de cá...é que os períodos da infancia da vida se compõem de tres sonetos.... e voltava ao indigesto cabêçalho...continuando sempre...era um costo para o veterano..

O querer cumprimentar ao calouro, em apresentação ringida, adredemente preparada, e o veterano negar-lhe a mão, ficando esse com a sua no ar.. contrafeito a rir. alvarmente.... era simplesmente deprimente.. Vaiar o calouro ao passar em frente as republicas era dos mais prediletos esportes da estudantada. O individuo apupado nas ruas, passap^{or} suplicio atroz. A vista se anuvia, as pernas cambaleam e os passos ora lentos, ora apressados dificultam-lhe rapida chegada a primeira esquina para dobral-a e fugir.... Mais de uma vez, sofreramos a abertura dessa delicada situação, porém, varias outras, vinguei-me dos meus semelhantes, valando-os na onda dos veteranos.

A Rua da Imperatriz foi sempre notavel no regimen dos trotes, das vaías. Ali proliferavam as républicas, formadas principalmente de alagôanos e paraibanos, contumases no manear dos trotes. Habitavamos no bairro Santo Antonio e si algum intuito nos conduzia ao de Boa Vista, preferiríamos faser percurso maior, afim de não nos expormos ás iras dos républicanos da fennosa rua.

Tido e admitido como cousa corporea, sem carater, nem qualidade pessoal inherente ao individuo, o calouro via-se a cada passo enxovalhado pelo anatema cruel.

As definições alusivas seriam bastante curiosas e vertidas muitas delas para o latim e algumas até indecentes, indecorosas... Calouro é um o objeto, cujo direito é não ter direito a cousa alguma. .Desclassifi-

tornando sempre...era um custo para o veterano...
se compõem de tres sonetos... e voltava ao indigesto cabedalho... com-
is, com o responder do de cá... é que os períodos da infância da vida
ta o sabia no Brasil, responde o Rouxinol em Portugal; o cantar do de
chorao; segundo que não é choro - que não é nem pode ser choro... um
tato é, que os períodos da infância da vida são tres: primeiro que é
rídica da infância da vida, em me nos criados para viver o calor,
Original-os a repetir massadamente, em monotonia fatigante, as tres ac-
Academia e apagar a lembrança seria negligência para os espectadores.
rta geral. Formar corções de veteranos a entrada dos corredores da
sel-os machucar pelas ruas, validos pelos veteranos, era motivo para
calorosos em torção de pelotões, palitos virados pelo avesso e fide-
In-nilo-tempore na Academia, eram varios e polimorfos os trotes: -- os

asemelhantes, visando-os na onda dos veteranos.

dos republicanos de formações mais
preferíamos fazer percurso maior, ainda que não nos expormos as ruas
bairro Centro Antonio e aí algum intuito nos conduziu ao de São Vitoz,
anos e paradas, contínuas no manejo dos firos. Habitávamos no
sa. Aí proliferavam as republicas, formadas principalmente de alio-
A Rua da Imperatriz foi sempre notável no regimen dos profes, de vari-

Tudo é admitido como coisa controlada, sem caráter, nem finalidade pessoal inerente ao indivíduo, o caloroso abraço e cada passo encurtado do pelo sistema atual.

objeto, cujo direito é nas ter direito a coisa aliada. Desclassifi-

-cação na sua completa inferioridade.

Calourus est hæritus pestilentus qui transit per via.....cum maj-
estifica intentione fedendi... a sentença atingia até.. as narinas do
calouro..

Nas réplicas, o trote não cessava, mantinha-se sempre aferrado ao
pobre do estudante, até que ele vencesse a barreira. Considerado na
ultima escala, era-lhe defeso emitir opiniões, pois que, faltava-lhe
concepção e assimilação de idéas..

O miudinho, trote causticante constituia arma de combate contra o
inerme. O veterano punha o paciente em circulo de ferro, alvejando-o
de perguntas sem nexos, mastigadas e quando já bem caceteado, mudava
de tática, mas no mesmo rodizio vicioso. A menor advertencia do in-
feliz teria a renovação de tese prolixa.

Os apelidos fechavam esse ciclo lustral. Seriam cunho indispensavel
na carcassa do calouro. Criados com muito espirito, força e confes-
sar que muitos deles quebrariam a linha da conveniencia destas Memo-
rias.

Os troles não deveriam desaparecer dos bancos academicos. Eles são a
alma, a verve, a ironia, o humor, a satira da mocidade.

Aqueles que passaram pelos bancos escolares e não sofreram, nem -
foram purificados no seu cadinho; que não sentiram a brisa que afa-
ga os bolsos academicos, jamais poderão dizer algo a respeito, nem
compreenderão o que dessa época deliciosa.

Relembrando-a, renovando as dores, as alegrias daquele tempo, na-
da nos compunge, de atribulações passadas. Saudosos tempos aqueles
em que a mocidade vive de ilusões.

• ๐๖๗๐ [30]

MEMORIAS ACADEMICAS.

A "REPÚBLICA" da Rua da Glória.

MELIOREBUS ANIS.

A Recife chegamos, vindo de Parnaíba, em Maio desse memorável ano de 1905. Acolhidos por José Augusto, republicano dos melhores, achava-se ele com outros rapazes do Rio G. do Norte, à Rua da Glória, no bairro da Boa Vista.

A república se organizou conosco, José Augusto, Virgílio Dentas, Silvino Bezerra, Alfredo Celso, Felix Bezerra e Augusto Severo Filho (do Rio G. do Norte), Henrique Fernandes (Maranhão), Brandão Vilela (Alagoas) e Frederico Clark (Piauí); todos talentosos moços. José Augusto, na política, governou sua terra. Os outros, rigrandenses ingressaram na justiça de sua terra. Brandão Vilela, ouvimos dizer que tornou-se banqueiro em Viçosa ou União, na terra dos marechaes. Henrique Fernandes subiu na magistratura na terra de Gonçalves Dias. Clark ingresou na Diplomacia onde tem feito figura brilhante. José Augusto era o líder da República; Virgílio era o Tesoureiro da bola; Vilela era o maior namorador da vizinhança e gostava de proferir á janêla, discursos massudos, misturando os autores, citando-os á esmos interminavelmente.

Ocupavamos todo o prédio de dois andares e disppunhamos de grande quintal onde abundavam frutas varias.

Com sempre a harmonia reinava no nosso meio e nenhum deles perturbou a paz desse conjunto. Dominavamos a Rua, pela verve e pelo espirito. Com a vizinhança, prevenida com a estudantada, mantinhamos relações de méros cumprimentos. Só Vilela entretinha um flirt platónico com certa vizinha de defronte. Á noite atraca-se á janêla da pequena e o pessoal republicano crivava de chacotas.

José Augusto repetia a cada momento adainha mortificante-Meu Deus! Não posso levar á sério esse povo da vizinhança.. e crucificando á bôca, em gesto largo, encerra a litania de todos os dias-Que spleen...Vilela---olha este namoro...

A vizinhança que naquele tempo ainda contemporisava, não nos perdoava a atitude pouco respeitosa e não faltou oportunidade para chocar a nossa pretendida sucetibilidade. Nas suas festas, não nos convida-

A "REPÚBLICA" da Rua da Glória.

MEMÓRIAS ANIS.

A Recife chegamos, vindo de Pernambuco, em Maio desse memorável ano de 1905. Acolhidos por José Augusto, republicano dos melhores, achava-se ele com outros repazes do Rio G. do Norte, à Rua da Glória, no bairro da Boa Vista.

A república se organizou com os conhecidos, José Augusto, Virgílio Lamas, Silvino Bezerra, Alfredo Gelas, Felix Bezerra e Augusto Severo Filho (do Rio G. do Norte), Henrique Fernandes (Mariano), Brandão Vilela (Alagoas) e Frederico Clark (Piauí); todos talentosos homens. José Augusto, na política, governou sua terra. Os outros, rigandenses ingressaram na justiça de sua terra. Brandão Vilela, ouvindo dizer que tornou-se bandeirante em Viçosa ou União, na terra dos marceleses. Henrique Fernandes ainda na magistratura na terra de Gonçalves Dias.

Clark ingressou na diplomacia onde tem feito figura brilhante. José Augusto era o líder da república; Virgílio era o tesoureiro da coisa; Vilela era o maior namorador da vizinhança e gostava de proferir a janelas, discursos massados, misturando os autores, citando-os e semos interminavelmente.

Corravamos todo o prédio de dois andares e disparamos de grande rapidez, quando onde abundavam frutas variadas.

Com sempre a harmonia reinava no nosso meio e nenhum deles perturbou a paz desse conjunto. Dominávamos a Rua, pela verve e pelo espírito. Com a vizinhança, prevenida com a estandarte, mantinhamos relações meros cumprimentos. De Vilela entre nós um flirt platónico com certa vizinha de defronte. À noite estratagemas a janelas da pequena e o pessoal republicano no de chacotas.

José Augusto repetia a cada momento, abandona mortificante-Meu Deus! Não posso levar a sério esse povo da vizinhança... e criticando a coisa, em gesto largo, encerrava a fita de todos os dias que aparece Vilela---olha este namorado...

A vizinhança que naquele tempo ainda contemporizava, não nos perdoava a atitude pouco respeitosa e não falava oportunidade para chocar a nossa pretensão a respeito. As suas festas, mas nos convidava

-va. Não denunciávamos mostras de aborrecimento e iam^{os} para o sereno escangalhar a joca.

Em Recife de aquele tempo, ^a macumba, o feitiço eram cousas comuns. As mulheres, mesmo as do high-life não eram indiferentes a essas concentrações escusas. O que é certo é que essas bruxas, exploradeiras enriqueciam. Faziam elasmualmente festejos aos seus patronos, festas que atraíam a atenção do bairro, tomando feição de grande acontecimento.

Para nossa rua, residia uma senhora das taes, cujo padroeiro era S. João Batista. Todos os anos, ao enizava o 24 de Junho com novenario, encerrado com pomposo baile nas vespersas do dia do santo. A casa se enfeitava vistosamente e regorgitava de convidados. Os republicanos da Rua Da Gloria, inteirados da falta do convite, apresentavam-se para espiar o baile. Molecoriamente flirtavamos as dançarinas e as divas despresando o par, vinham para as janelas tagarelar conosco, com indignação para a dona da festa.

Contavam-se casos passados no interior da casa da festeira. Disia-se á bôca pequena, que mulheres do demi-monde recorriam aos conselhos da mulher misteriosa, casada, o marido porem, sem profissão conhecida, vivia ás expensas da mulher, já rica de cabedaes.

Na républica as cousas marchavam no diapasão da alegria, mas como tudo na vida tem a duração de uma manhã, um acontecimento veio destruir a paz dos républicanos: a varioça já endêmica na cidade, tomara proporções assustadoras. Na rua da Gloria, ha muito ela flagelava os habitantes; não obstante, iam^{os} incolumes, escapando do mal horripicante. Augusto Severo Filho foi a vítima que a fatalidade destinou para o sacrificio cruel. Filho do arrojado Augusto Severo, do Rio G, do Norte, o qual em Paris, se imolara pelo ideal, hoje consubstanciado na estabilidade e na direção nos ares, o infeliz môço, ainda calouro, denotava intelligencia lucida e ponderada.

Tivemos^{os} de assistir o pungente espetaculo da sua internação no Hospital de Santa Agueda, ~~na~~ afastado da cidade de onde só ~~saiu~~ para o Cemitério. Finou-se Severo Filho conservando a mesma segurança de espirito, penetrando sereno na região ignota do além. Sua morte gelou-se-nos o coração. O corpo que se mantivera integral, teve de ser fracionado, mutilado pelo vendaval, pelo pavor que contaminara todos nós. A debandada se fez.

Nós, Clark, Henrique, Virgilio, Vilela não nos separamos. Na Rua do Socêgo, ponto diametralmente oposto na cidade, risemos pôso, e a ré-

ve. Não denunciava os monjes de aporrecimento e já não era o estado

esquecer a lousa.

Em Recife de aquele tempo, quando, o feitiço eram coisas comuns. As mulheres, mesmo as do high-life eram indiferentes a essas coisas estranhas e estranhas. O que é certo é que essas bruxas, exploradoras em riqueza. Faziam eficientemente feitiços aos seus patronos, festas que atraíam a atenção do bairro, tomando feição de grande acontecimento.

La para nossa rua, residia uma senhora das luzes, cujo padroeiro era S. João Batista. Todos os anos, por aí passava o 24 de Junho com o nome, encerrado com pomposo baile nas vésperas do dia do santo. A casa se enfeitava vistosamente e requintada de convidados. Os brancos da rua de Gloria, interiores da lista do convite, e brancos estavam-se para espiar o baile. Molecoralmente flirtavam as senhoras mas e as divas despresando o par, vinham para as janelas tagarelar com os seus, com indignação para a honra da festa.

Contavam-se casos passados no interior da casa da testeira. Distante se a lôca peruana, que mulheres do semi-monje recorriam aos conselhos de mulher misteriosa, casada, o marido pobre, sem profissão conhecida, vivia as expensas de mulher, de rica de cabedais. Na república as coisas marchavam no disparado da cidade, mas como tudo na vida tem a duração de uma manhã, um acontecimento veio destruir a paz dos repúblicas: a variedade de andamentos na cidade, tomara proporções assustadoras. Na rua de Gloria, ha muito ela flirtava os habitantes; não obstante, lamos incolunas, esquecendo do mal horripilante. Augusto Severo Filho foi a vítima que a fatalidade destinou para o acerto cruel. Filho do arrojado Augusto Severo, do Rio G. do Norte, o qual em Paris, se molara pelo ideal, hoje consuata na estabilidade e na direção nos ares, o infeliz nôco, ainda calouro, denotava inteligencia lucida e poderosa.

Tiveram de assistir o puante espetaculo da sua interação no hospital de Santa Agueda, estabelecido da cidade de onde se saiu para o destino. Finou-se Severo Filho conservando - mesmo esquema de espírito, penetrando sereno na região ignota do além. Sua morte seguir-se nos o coração. O corpo que se mantivera intacto teve de ser fracionado, utilizado pelo vendaval, pelo pavor que contaminava todos nos. A debaixada se fez.

Nos, Clare, Henrique, Virgilio, Vilfredo não nos separamos. Na rua do Sociedade, posto distante oposto na cidade, risamos bôco, e a re-

Carvalho e Silvio Peçico. O primeiro do Piauí manejava o verso com maestria e se aprimorava no Direito; O segundo, ainda Acadêmico, trouxera de Alagoas, sua terra, belos versos.

José Augusto, Silvino, Félix e Alfredo distanciaram-se para outros lares. Seria difícil encontrar no momento ~~de~~ angustioso, abrigo capaz de receber todos os republicanos da Rua da Glória. Jamais poderemos esquecer os bons tempos passados na bela Rua. Lá estivermos em verdadeira glória, pois governáramos a artéria, envolvidos por grande préstigio.

Por ali, os entrevistas da cidade. Frequentemente, eis a multidão de carros mortuários, desacompanhados, conduzidos para o cemitério, deixados isolados pela horrível Parceira. Agitados são os metacronismos da cidade do alentejo com seus moradores. Contíguo à cidade republicana, instalaram-se outra, com companheiros do Piauí: José Lopes, Júlio Lima, Moura Costa, Francisco Falcão, Alcides Lopes e Jaime Rios. O quartelão abrangia três sobrados, dois por dois ocupados e o terceiro pela dona, senhora respeitável que a não era, relações monásticas, resultantes dos arreguéis, nenhuma outra entrevista na cidade.

Com discretas propriedades, as mulheres, as republicanas e angustiosas de hipocrisia, e as casualistas, as cordeiras apenas, casas expedientes exigentes, com discursos reconhecidos de muito trabalho, de muito alentejo. À noite, em trajes capitais, de freixo, desenhos, chapeiros destacados, passavam pelas ruas proximas, cortando as pernas, revelando as pernas entusiasmadas.

Naquele tempo, o Prefeito da cidade era nosso visitante, residindo à Rua Alameda. Tão posseur, na sua alta importância, olhava para o passado com indiferença, ou melhor, desprezo, não nos cortando visar, verão talvez de caso de nos um indivíduo de pol-égo. Aristocrata, de negócios de milhões de quintais. Indefectivelmente acompanhado de seus de decidido propósito de aproveitar a coisa. Ali então, uma triste de evidências de o ilustre indivíduo delas então... O Prefeito lava o passado. Relativamente para ele, seu filho único era uma coisa de um médico ilustre, escapando de alentejo. A inteligência de seus filhos republicanos de alguns famílias gruesas e brilhantes de recepções de Prefeito, Senhor Mafra de Barros, uma visão de alentejo mais longe... pelo que separava as republicanas de seu Prefeito, entrevistas de trabalho com as crianças de uma de delas republicanas presentes de trabalho, etc. Ora... o Prefeito... não podiam levar la à parceira... de

A "RÉPUBLICA" Da Rua Do Socêgo.

EST RERUM OMNIUM VICISSITUDE.

A Rua do Socêgo era triste e deserta. Sem movimento, parada, melhor fora se lhe chamasse rua do Cemitério, pois que era caminho dos mortos, passando em geral por ali, os enterros da cidade. Frequentemente, dia e noite, os carros mortuarios, desacompanhados, conduziam para S. Amaro, bexigosos imolados pela horrível Parca. Agitava-se a rua que se metamorfoseou ~~na~~ ^{em} pandega deu alento aos seus moradores.

Contiguo á nossa republica, instalara-se outra, com companheiros do Piauí: - José Lopes, Julio Lima, Moura Costa, Francisco Falcão, Milcides Lopes e Jaime Rios. O quartirão abrangia tres sobrados, dois por nós ocupados e o terceiro pela dona, senhora respeitavel que a não ser relações monetarias, resultantes dos ajuguéis, nenhuma outra entretinha conosco.

Com dispensas proprias, aos domingos, as républicas se banqueteavam reciprocamente, e as comelanças, em cordeal entente, tomavam aspectos so- lenes, com discursos recêheitados de muita troça, de muita alegria. À noite, em trajes curiosos, de fraque, de saços, chapéus desabados, passeiavamos pelas ruas proximas, cortejando as pequenas, recibidos com ~~///~~ entusiasmo.

Naquele tempo, O Prefeito da cidade era nosso visinho, residindo á Rua Riachuelo. Tipo poseur, na sua alta importancia, olhava para o pessoal com indiferença, ou melhor ^{em} despreso, não nos cortejando sequer, vendo talvez em cada de um de nós, um individuo á mol-êgue. Aristocrata, recepcionava os amigos ás quintasfeira. Indefectivamente comparecíamos ao sereno no decidido proposito de anarquizar a coisa. Ali então, nosso triunfo se evidenciava e o flirt fusiva ostensivamente.... O Prefeito dava o desepero. Felizmente para ele, sua filha unica era noiva de um médico illustre, escapando ^{do} embrulho. A irradiação dos flirts républicanos de alguma maneira ofuscava o brilho das recepções do Prefeito, o Senr. Martins de Barros. Nossa vindicta ia ainda mais longe... pelo muro que separava as républicas da casa do Prefeito, entretínhamos - prosa cerrada com as criadas do cujo e delas recebiamos presentes de frutas, etc. Ora.. o Prefeito..... não podiamos leva-lo á sério... ~~///~~

• STUDIES IN THE HISTORY OF THE

é distancia, é claro... À certa época do ano, alvitramos empinar papagaios, como outro modo de rolar. Da sacada de nosso palacete, lançamos aos ventos os bichos que ageis, no espaço, volteavam, descrevendo sinuosas mirabolantes, looppings ridículos e sem perigo.

Naquele tempo, a mania dos postaes dominara as rodas sociaes. A febre cartolina fazia minguar o dinheiro republicano no delírio de escrever pensamentos. Recordemos passagem curiosa dessa época doentia: - O CLUB ACADEMICO se fundara para defender a classe e propugnar pelo levantamento das letras e ciencia. Seu Presidente de então, o Barrêto, alagôano de boa preesença e espirito, usando oculos de cristal, tomava atitudes de alta categoria. Adoêce dos olhos, o nosso Presidente e com surpresa e risada de todos, recebe ele um postal em que um maníaco lhe indaga presuroso - Sr. Presidente como vas do olho?!

Esse ano de 1905 foi de pandega e vadiagem. A peste com acceleuma que implantara na população, provocou suêto prolongado na Escola. A mocidade achou que se aliviaria dação, rogando ao Ministro folga das aulas, com o protesto de lembrar a vacinação contra a variola. O eminente Dr. Seabra, no Governo Rodrigues Alves, velho amigo dos estudantes, não se demorou em atendel-os, decretando o fechamento das aulas por quarenta dias e a vacina obrigatoria para a rapaziada. Passaram-se os quarenta dias na flauta e poder-se -a dizer, que nem um só procurara se inocular ~~um~~ líquido imunizador!

O chaleirismo também entrou em cena naquela época de epidemias e condescendencias. Na Faculdade como em todas as outras, ha uma sala de honra onde figuram effigies dos Mestres que se destacaram pelo talento e saber. Os môços academicos já precocemente inclinados para essa tendencia brasileira - o Chaleirismo - um dos peiores males que infelicitam o Regimen, desancaram-se para as inaugurações de retratos de Professores, no intuito preconcebido de amaihar a colera dos mesmos por ocasião dos exames.

Muitos deles ali estavam por seus proprios méritos, outros poram, sem pretendermos ferir suscetibilidades, lá se achavam por interesses menos plicitos, envaidecidos. Raro foi o Lente que nesse ano de 1905, tão alegremente lembrado, tão tristemente recordado, ~~que~~ não penetrou na galeria dos grande no Direito/, no Magistério.

O saiao nobre apesar de nota destoante que se pudesse apontar entre os que ali o ornavam, tinha um cunho de grande respeitabilidade.

MEMÓRIA CAUSA.

Nossas Memórias do Terceiro Ano foram: Abolito Crime, Gervasio Pio-
ravanzi e Abelino Trine. O primeiro lecionava a segunda parte do Di-
reito Civil; o segundo, a primeira parte do Direito Criminal; e o ter-
ceiro, a primeira parte do Direito Comercial.

Abelino sendo alocado, pôde substituir pelo Dr. Gomes Fereira que ia
na frente com outra turma.

Cirne de quem se falamos com respeito, era um espírito bribe na ciência
jurídica, comprando-se ao contato com o mesmo, em seguir processos e ma-
ximas a cada passo.

Gervasio talento aberto para a jurisprudência, melhor fora considerá-lo este-
no estudante. Boêmio na vida, boêmio no verso, boêmio no Direito, Ger-
vasio era um eterno boêmio. No convívio alardeava com a liberdade, mostra-
va-se sempre sorridente, parecendo querer identificar-se com o mesmo. Ger-
vasio não estudava e cingia-se a repetir o que aprendera nos tempos -
idos, trazendo a expansão de seu grande espírito. Quem o ouvisse in-
teresse, julgaria em palestra com a república, em discursos atrevidos e
instituições. Infenso às exigências regulamentares, repetia sempre que -
não era para existir do aluno, aplicando-lhe a falta, sua presença na
aula e lhe dava assim plena liberdade. A assiduidade era numerosa, pro-
va inconfundível da simpatia que usufruía.

De ideias modernas, pôde sempre pelo que de mais consentâneo com o re-
gostinho e observação. Aplicando-nos o Direito Criminal, na filoso-
fia, nos elementos constitutivos, combatia os erros da Escola Clási-
ca, fundada no livre arbitrio. Retendo os defeitos da Escola Lan-
gustiana ou a Nova Escola, colocava-se ao lado da Escola Crítica ou a
terceira Escola que investia a existência do criminoso nato, que o
fim da pena seria repetir o criminoso e não o crime.

Representou com satisfação o Terceiro Ano e sua eleição no grande -
quadro concorreu para maior brilho do pelo no mundo.

Abelino de Luna fôra contratado com Gervasio, no convívio com seus
discipulos, Natúressa fechada, alma encurvada em si mesma, não possuía
de relação na Academia. De uma falta nos tratou mal. Pediram-lhe
concessões qualquer, que no momento nos parecia justa e razoável, não
mostrou nos concessões. Como uma coisa que encimasse fortemente, lavan-

-também todos em protesto, evacuando a sala e elle ficara só a catedra, vermelho, apoplectico, applicando-nos a falta e representando ao Director-Dr. Joaquim Tavares, cuja representação foi arquivada. Adelino vivia ordinariamente doente e mais tarde viera a falecer. O Mestre, salvo o genio irritadiço, era de grande lucidez e illustração. Contava-se que nos seus ultimos momentos, quando já inteiramente minado pela moléstia, dizia aos circunstantes-Oh! Como tenho a alma negra! Sinto-me num imenso vacuo!

Gomes Parente por isso permanecêra na Cadeira de Direito Commercial por todo resto do ano e escaparamos aos rigôres do saudoso Professôr. Gomes, caturra como muitos, prendia-se a tradição, fingindo das inovações. Sua dissertação resumiam-se no velho Codigo Commercial. Enfaticamente aludia sempre:- Nosso Codigo diz-isto, isso, aquillo e quem ousasse afastar-se de sua predileções, com theorias novas, teria de vel-o discordar e até reprovar o aluno!

Rigorosamente adstricto ao filho amado, sentia-se satisfeito, sah o estudante o imitava no seu afêto.....De certa vez, em prova escrita, o examinando copiara o Codigo ipsis litteris. O Mestre mostrando a Cirne a prova, contra expectativa, verbera o aluno, dizendo que iria reproval-o! Cirne com a ironia de sempre, retruca-Gomes, seria reprovar o nosso Codigo..... e o estudante passou....

Sacador é aquelle que saca. Comerciante é aquelle que commercia. Aceitante é aquelle que aceita....E ninguem dissesse por outros termos que teria a corrigend. do bom Lente..Um estudante a quem perguntara certa vez, quem era o proprietario do navio e esse responde após/Vá/Vá/V hesitação e com casualidade, ser o dono.... teria o aplauso do Professor!

Assaz curioso o modo porque, referindo-se ao Codigo e derreando-o para fora da catedra, apontava com um dos dedos, afim de que todos vissem o que afirmava:-abra seu Codigo, môço.. lá..está... Gostava das sabatinas, marcadas de vespera..Felizmente-e com designação dos que teriam de faze-las. Em uma dessas, um dos escalados faltou e só dias depois comparecêra a aula. Porque não veio? Perguntou. ..Estava de sentimento de um primo que havia falecido....dis o estudante escondido....Ha tantos dias?....Meu Amigo! Esqueçamos os mortos e tratemos dos vivos....Bernardo Porto, lá de seu lugar, diz baixinho.... cite o autor..O velho Gomes tinha bom ouvido, e se apressa em acrescentar-a frase não é minha, disse o Marquês de Pombal, no Terremoto de Lisboa.

de Lisboa. ...
centar a frase não é minha, disse o Mendes de Pombal, no terremoto
cite o autor. O velho Gomes tinha bom ouvido, e se aprêssa em corres-
mos dos vivos. ...
vado. ... Ha tentos dizeis. ... Meu Amigo! Esqueçamos os mortos e prefe-
de sentimento de um primo que havia falecido. ...
diz depois comparando a minha. Porque não veio? Perguntou. ...
que teriam de fazer. Em uma lésaa, um dos escalões falhou e só
as escadas, marchas de vespere. Foliantemente e com desilusão das
viagem o que afirmava sobre seu Godigo, não... lá... está... gostava
para fora da cadeira, apontando com um dos dedos, além de que todos
Assas curioso o modo porque, referindo-se ao Godigo e derreando-o
sobre! ...
realização e com casualidade, ser o dono. ... teria o apêlido do Profes-
certo vez, quem era o proprietário do navio e esse responde após XAAA
que teria a corrigenda, do bom lance. Um estudante é quem pergunta
tanto é aquele que aceita. ... E ninguém dizesse por outros termos
Bacator é aquele que aceita. Comerciante é aquele que negocia. Acei-
ris reprovar o nosso Godigo. ... e o estudante passou. ...
esta reprovar! Cime com a fronte de sempre, retruca-Gomes, se-
Gime a prova, contra expectativa, vêvera o aluno, dizendo que -
o examinando copiar o Código para littera. O Mestre mostrando a
estudante o livro no seu alfo. ... De certa vez, em prova escrita,
Ri orosamente adstrito ao tipo mejo, sentia-se satisfeito, ali o
vel-o acordar e ate reprovar o aluno!

ouasse a saber-se de sua predileção, com teorias novas, teria de
ticamente ditas sempre: - Nosso Godigo diz isto, isso, aquilo e quem
ões. Sua dissertação resumiam-se no velho Código Comercial. Enfi-
Gomes, escreva como muitos, prenda-se a tradico, ficando das inava-
por todo o resto do ano e esquecermos aos rigores do sagrado professo-
Gomes Farente por isso permanecia na Cadeira de Direito Comercial

algum negro! Alito-me um imenso vacuo!

te minado pela molesta, ditas aos circumstantes-Oh! Como tanto a -
ção. Contava-se que nos seus ultimos momentos, quando se inteiramen-
O Mestre, salvo o genio tritadico, era de grande lucidez e illustra-
Adelino vivia ordinariamente doente e mais tarde veio a falecer.

ao Director-Mr. Josphim Javara, cuja representacao foi aprovada.

tedra, vermelho, apoplatico, applicando-nos a falta e representando
-lamenos todos em professo, evagando a sala e effluvia do e co-

Gomes Fariante finou-se em 1908. Velhinho bom, estava somente preso ao catolicismo de sua idade, não se atentando de sua situação, vin- do do passado. Levou-o a Santo Amaro, na velha necrópole, onde já tantos lunáticos do Mitoísmo jaziam.

MEMORIAS ACADEMICAS.

DIGRESSÕES - LIGEIRAS.

NON DOCET.

O homem agindo pela intelligencia, instruindo o espirito, si por uma face sente orguho, por outro lado sofre depressão moral da mesquizez do seu proprio-eu. Os sabios sao por natureza humildes, porque bem comprehendem que a Humanidade não é mais do que um minusculo corpo governado por leis perpetuas e imutaveis.

Laplace repetindo Socrates, dizia que o maior grão do saber humano não dá para comprehendermos o que ignoramos.

A ancia dos conhecimentos perde-se no vasto campo da Ciencia que é proprio Deus, verdade palpitante, na qual esbarramos atonitos, aniquilados no orgulho e vaidade.

O estudante ao transpor os humbraes de uma Escola superior, experimenta a sensação que lhe oblitera o raciocinio, arrastando-o para a utopia sonhadora de ser grande. Ao galgar a primeira etapa do tentamen, obséa-o a visão de vir a ser ~~Alf~~ um Presidente de República. Marchando para consecução do empreendimento, sua imaginação não continua no mesmo caminho, retrocede gradativamente. Vencido o segundo marco, deseja ao menos ser um Governador de Estado. Atingindo a terceira ~~etapa~~, sua ijução já se satisfaz em ser um representante do Povo. No quarto ~~an~~ vo do ponto colimado, a vertigem detrescente o consola com um Juizado de Direito. Ao chegar enfim no termino dessa jornada, estende a vista pela amplidão imensa da vida, para desalentado, ver o desmoronar do soberbo castelo que a fantasia imaginosa do estudante criara no cerebro. O edificio construido, resultado de ingente esforço ~~resequilibra~~-se em fragorosa retumbancia, nada restando, que ~~o~~ vaidade....vaidade.

Para que tanta energia gasta? O pergaminho abundantemente dis putado pelo môços, como justo anhelos, seria entretanto, uma inutilidade, pelo barateamento da classe.

Paumilhando sempre para a frente, o titular volve a memoria ao passado para refletir na pouca valia do que viu e aprendeu no seio da alta Corporação scientifica, no recêso de uma mocidade que não conhece conveniencia para exprimir a verdade.

Por demais conformado em ocupar uma Promotoria no interior do Paiz, se embrenha por logares longincuos, alheios á civilização e ao progresso. A politica, filha espuria da sociedade, consegue em pouco tempo tolher

NOTA DOCT.

O homem agindo pela inteligência, instrução e espirito, e por uma
 face sente orgulho, por outro lado sente desprezo moral da massa
 rhes do seu proprio-eu. Os sabios são por natureza humildes, porque
 bem comprehendem que a Humanidade não é mais do que um minúsculo cor-
 po governado por leis perpetuas e inevitaveis.

Esprazo repetido de ideias, ideias que o maior erro ao saber humano não
 dá para comprehendermos o que ignoramos.

A ansia dos conhecimentos perne-se no vasto campo da Ciencia que é pro-
 prio Deus, verdade palpante, na qual esbarremos estultos, aniquilados
 no orgulho e vaidade.

O estudante ao transpor os humilçes de uma Escola superior, experimen-
 ta a ganancia que lhe offerece o raciocinio, arrastando-o para a mo-
 da escuridao de ser grande. Ao galgar a primeira etapa do tennamen-
 to obseca-o a visao de vir a ser Alto um Presidente da Republica. Marchan-
 do para consecução do empreendimento, sua imaginação não continua no mes-
 mo caminho, retrocede gradativamente. Vencido o segundo marco, desaja
 ao menos ser um Governador de Estado. Atingido a terceira etapa, sua
 imaginação se satisfaz em ser um representante do povo. No quarto ef-
 vo do ponto colimado, a ventagem desapparece e consola com um intuito
 de direito. Ao chegar enfim ao termino dessas jornadas, estando a vista
 pela amplidão imensa da vida, para desalentado, ver o desmoronar do so-
 berbo castelo que a fantasia imaginava ao estudante criar no cerebro.

O edificio construido, resultado de ingente esforço despendido-se em
 fragmentos rotundancia, nada restando, que a verdade....vaidade.

Para que tanta energia gastar? O perguntando abundantemente a si mesmo
 pelo môças, como justo anhelo, seria entretanto, uma inutilidade, pelo
 pertencimento da classe.

Palpilhando sempre para a frente, o titular volve a memoria ao passado
 para reflectir na pouca valia do que viu e aprendeu no seio da alta gor-
 poração científica, no recesso de uma mocidade que não conhece convên-
 ença para exprimir a verdade.

Por demais conformado em ocupar uma Promotoria no interior do País, se
 empenha por logares locustinos, almejando a civilização e ao progresso.
 A politica, terna escuria da sociedade, consegue em pouco tempo delin-

Re vigorado das forças, amenizado das saudades da Família, voltaremos do Piauí, em Maio de 1905, após férias prolongadas, prontos para recommençar a tarefa interrompida, embora sentissemos no recondito do pensamento, apreensões do futuro.

Tipos populares se encontram por toda parte. São as faces pelo espirito de ironia, pela varze, pelo tabaco, por serviços prestados a causas publicas, por crimes, por pequeninas coisas que tocam a condanna e a possibilidade.

No mesmo tempo, na localidade, passou-se o estuante que as torres da do deo academicos. Sua popularidade já tinha das ruas, do lado da cidade. Bernardo Forte, de origem humilde, não era bonito, mas forte, mas um individuo de "fôrça alga", de quem a gente (como forte) por que milhares vezes, se espanta por esse estado.

Entrar para a Faculdade, por seus proprios meritos. Forte, por ser inteligente, engenhoso, possuía uma habilidade para a pintura, de se havia facilmente figuras a parêde, de caras de pessoas, principalmente parecidas, de estudantes, de professores e de seus parentes e pães. Com o tempo, imitava os atores e atoras que passavam por Recife, e os cantores de igreja, os indolentes, os amos sacros. Dizia-se que se houvesse sido cantor.

Interpretava os atores na reprodução do palcos, dos gestos, do modo de, mesmo como as vícios, o proprio professor emendado a critica, a proleção a repartida e a propaladamente se entretinha muito para ouvir o Bernardo na dicção que ele dava ao que se dizia e o modo de vir do espirito do estudante.

Bernardo não estudava, tanto não tinha o tempo, porque a entrada, do especial de estudar, se não conseguia que difficilmente deixaria de vir a reconhecer com a sua vida.

Tipografo amigo, amigo de amizade de pessoas dos ventos de jornais, de outros agentes de trabalho, agente de jornais e de outras dedicadas a outras coisas e Bernardo não deixava passar uma festa e a universidade se acordava. Nesse dia, organizava a festa e se pelo dia, de sua tipografia, a sua de impressão, e o curso marchava para outras coisas, em uma das suas viagens de estudo, já para os estudos de Direito, lugar de onde, finalmente, onde a não foi para se estabelecer com outros rapazes, de sua família, de sua vida, o intuito de estudar Direito e de se dedicar a

Revoltando as forças, amarrando das saudades da família, voltamos
no final, em Maio de 1908, após férias prolongadas, pontos para re-
começar a tarefa interrompida, embora sentissemos no coração do
pensamento, apreensões do futuro.

Em 1908, quando voltamos para o Rio de Janeiro, a situação política e social do país estava em plena efervescência. O movimento republicano ganhava força, e a população estava ansiosa por mudanças. A família, ao retornar, encontrou um ambiente de grande transformação. O pai, que antes era um homem de negócios, agora estava mais envolvido nas questões políticas. A mãe, por sua vez, estava mais preocupada com o futuro dos filhos. Os filhos, por sua vez, estavam mais interessados em estudar e em participar das atividades sociais. A vida familiar estava mais unida, mas também mais tensa, devido às pressões externas. O pai queria que os filhos seguissem a carreira de negócios, mas eles queriam estudar. A mãe queria que os filhos se casassem cedo, mas eles queriam terminar o ensino superior. A família estava em um impasse, e a tensão aumentava a cada dia. No entanto, apesar das dificuldades, a família continuava a se apoiar mutuamente e a enfrentar os desafios da vida. O pai, com sua experiência e sabedoria, tentava resolver os problemas da família. A mãe, com sua força e determinação, tentava manter a harmonia doméstica. Os filhos, com sua inteligência e vontade, tentavam superar as expectativas dos pais e realizar seus sonhos. A vida familiar era uma jornada constante de superação e crescimento. E, no final das contas, a família saía sempre mais forte e mais unida do que antes.

MEMORIAS ACADEMICAS.

TIPOS POPULARES.

RISUM TENEBATIS.

Tipos populares se encontram por toda parte. Eles se fazem pelo espirito de ironia, pela verve, pelo talento, por serviços prestados a causa publica, por crimes, por pequeninas cousas que tomando vulto os conduzem á notabilidade.

No nosso tempo, na Academia, passou um estudante que se tornara idolo dos academicos. Sua popularidade já vinha das ruas, do seio da multidão. Bernardo Porto, de origem humilde, não era bonito, nem feio, - mas um individuo de feição alegre, de quem a pessoa mesmo ferida por sua hilariante verve, se sentiria por elle atraído.

Entrara para a Faculdade, por seus proprios esforços. Pobre, porém inteligente, engenhoso, patenteava saliente predileção pela pintura, desenhava facilmente figuras á parêde, de caras de pessoas, inteiramente parecidas, de estudantes, de professores e com isso ganhava o pão. Com boa voz, imitava os atôres e atrizes que passavam por Recife, os cantores de igreja, nas ladainhas, nos santos sacros. Disia-se que já houvera sido sacristão.

Interpretava os Mestres na reprodução da palavra, dos gestos, da mimica, acontecendo ás vêzes, o proprio professor encontrá-lo á cathedra, a prelecionar a rapaziada que propositadamente se senta nos bancos para ouvir á Bernardo na dissertação que ella dava calor e geito; e o Mestre ria do espirito do estudante.

Bernardo não estudava, fazia áse máos exames, possuia entretanto, modo especial de sedusir ao ~~ante~~ examinador que difficilmente deixaria de rir e condescender com o estudante.

Tipografo antigo, dispunha da simpatia do pessoal e dos vendedores de jornaes. Um senhor-Agostinho Beserra, Agente de jornaes e revistas dedicava grande estima á Bernardo e não deixaria passar sem festas o anniversario do academico. Nesse dia, organisava ele passeiata em pleno dia, de seus tipografos á Rua do Imperador; e o cortejo marchava para saudar á Bernardo, em uma das ruas escusas da cidade, já para os reconditos do Bréjo, logar de certa recomendação, onde o môço folgasão se acotovelava com outros rapazes em uma républica curiosa. Ali então, o intrepido estudante lançava o verbo á molegagem,

TIP-02 POPULARS.

SE TABLET MUSIC



em fraseologia chistosa, retirando-se o préstito a vitorial-o por -
outras ruas. Em uma dessas manifestações, ocorrera coincidência, de -
consequencias desagradáveis, si não fora logo desfeito o engano. Go-
vernava o Estado, O Dr. Segimundo Gonçalves. A politica estava agita-
tada. Espalhara-se pela cidade o boato de deposição. A força publica
mantinha-se de prontidão. A passeiata pelas ruas, corre em Palácio, o
alarme de movimento sedicioso que se aproximava! Pura mentira! No dia
seguinte, a "Provincia", organ oposicionista, troça do caso, que o
Governo tivera medo da Bernarda ao Bernardo.

As festas eram varias- foguetorio, ornamentação, luz, banquete, confe-
rencia, concerto. O môço estudante tinha uma igrejinha que o cercava
nessa républica original do Brejo. Essa originalidade era de fazer rir.
Em cada dependencia, lia-se um letrado a porta- gabinete de estudo, --
parlatorio, quartorio e mais á porta da rua, a placa-Advogado. Aos
domingos, ~~por meio~~ ao meio dia, selecta assistencia comprasia-se em
ouvir um conferencista que deveria distrair o auditorio. De um feita,
foramos até lá para ouvir a de um velho, extra-muros na amizade de Ber-
nardo. Esse velho era um obsécado. ^{na manha} Alimentado pelo academico folgasão,
~~na~~ sua conferencia versaria sobre um banquete que lhe fora oferecido no
céo pelo Padre Eterno, com a presença de lizeiros já desaparecidos da
face da Terra. Na hora apressada, após apresentação velada de Bernardo,
cercado de seu Cenaculo, o velho innicia a palestra, - que recibio por
S. Pedro, á mesa presidida pelo Padre Eterno, se achavam-Virgilio, So-
crates, Platão, Homero, Dante, Voltaire, Milton, Shakeaspeare, Vitor Hu-
go e tantos outros lugeiros universaes. Que teria havido discurseira
grossa e fora ele saudado como unico reperesentante das baixas regiões
terrenas! O que de notavel em tudo isso, era a solenidade fingida de
Bernardo que em gravidade comica, aparteava o orador, ora com aplau-
sos, ora com incitamentos e o auditorio vitoriaava o velho, em lou-
vação acanalhada.

O impagavel estudante, heroe na comédia academica, formado, embrenhou-
se nas florestas imensas do Acre, onde foi Juiz réto, embora conser-
vando o humor sadio, peculiar ao seu genio.

Viveu tambem já na Academia, um individuo igualmente popular. Não era
estudante, mas criado da estudantada. Chamavam-no de -BOLEIRO- porque de
certa vez, em assemblêa, os academicos, o escolheram para ter ingrés-
so na Faculdade e vender bôlos e repuçados. Eram muitos os vendilhões,
a escolha por-em recaira em Boleiro quando chegamos á Academia, João
Boleiro tornara-se garçon republicano. Bastante cinico, discutia di-

Boleiro tornou-se lucro multiplicado. Assim o clássico, clássico de uma escola por em recitar em Boleiro quando chegou a Academia, João
no na faculdade e vender pelos e reputados. Em milhões de vantagens
certas vez, em assembléas, os acadêmicos, o escolhimento para ter início
estudante, mas criado de estudante. Chamavam-no de BOLEIRO porque
Viver também na Academia, um indivíduo ignominiosamente popular. Não era
vendo o humor sadio, percutir o seu gênio. Em as floristas inimigas de Açor, onde foi uma vez, embora conser-
O inagável estudante, havia no comitê acadêmico, formado, embranhou-
vão acanhadas.
as, ora com incitamentos e o anfitrião vitorioso o velho, em lou-
Bernardo que em gravidade comica, aparecia o orador, mas com aplan-
berrenas! O que se notava em um lado isso, era a sofisticada linguagem
Grossa e fôra ele acanhado como um único reperesentante das altas regiões
to e tantos outros lucros universais. Que teria havido de consequen-
orates, Platão, Homero, Dante, Voltaire, Milton, Shakespeare, Vitor Hu-
A. Petro, é uma prestada pelo Padre Eterno, se achavam Vitório, Go-
cerado de seu Genaculo, o velho trilha a paralisa, que recebia por
face de Ferra. As horas apressadas, após apresentação velada, de Bernardo,
ção pelo Padre Eterno, com a presença de lucros de desaparecidos de
A sua conferência versificou em um momento que foi o forçado no
lardo. Este velho era um obsessão. Alimentado pelo acadêmico colégio,
formas até foi para ouvir de um velho, extra-lucro na amada de per-
ouvir um conferencista que deveria distrair o anfitrião. De uma feita,
dominos, apareceu no meio dia, beleza acadêmica comparada em
particular, anfitrião e mais a porta de uma placa avendo. As
Em cada dependência, lia-se em lucros portu capitais de estado,
nessa república em final de Brasil. As originais era de feitas
rental, bonaparte. O mêso estudante como uma república que o corpo
As feitas em varias fontes, ornamentação, luz, bandeja, confe-
Governo tivera modo de partido de Bernardo.

seguinte, a "Provincia", organ oposicionista, trouxe do caso, que o
alarme de movimento estiloso que se aproximava! Para manter! No dia
maninha-se de prontidão. A passada pelos ruas, corte em palácio, o
ada. República se pela cidade o modo de deposição. A força pública
verna o Estado, O Dr. Sebastião Gonçalves. A política estava agita-
consequências desagradáveis, ai no fora logo desalojo o engenho. Go-
outras ruas. Em uma das manifestações, ocorreu colossal, de
em irracional chistosa, retirando-se o préstio a vitoriosa o por -



-reito com a calourada e arrogava-se de academico. Fasia discursos irresistiveis no comeco, mesclando Direito Romano com Filosofia, - Economia, Finanças... Comprasia-se em ir á Lingueta, hoje desaparecida da moderna Recife, para receber calouros, chamndo-os de colégas e ao chegar á répública, com o nosso, consenzo, troteava o - os manos, decepcionados com o cinismo de Boleiro..

Boleiro no correr do tempo foi se desprestigiando, pela safadese, pela preguiça e se sumira do seio academico.

Academico.

No elenco desse grupo de homens públicos que por via Europa, visitou diversos Países da America, como seus representantes, ex najo Contorno seriam discolidos temas de elevados intuitos, destacava-se o grande brasileiro-Joaquim Nabuco de Araújo.

A Academia se alvoreçara para receber conflagrantemente os pragueiros da paz, principalmente Nabuco, o grande Abolicionista, o eminente tribuna e parlamentar, o filonista, o qual em Recife fiera teatro principal de campanha em prol da abolição da escravatura. A exuberancia de cui palavra immortalizara seu nome na Historia do Brasil.

A mobilidade com sempre tocou a frente do movimento e o Governo, por o encargo dos pastos, de combinações com os estudantes, Celso Augusto Gonçalves, o Governador telegrafiou a Nabuco, na ilha de Recife, convidando das festas e solicitando que ele despois se fosse em Recife. Nabuco em resposta disse que não se iria pois todos os outros diplomatas que iam para o Congresso, desobedeceriam as boas ordens.

O programa de recepção como de ordinario, obedeçera a protocolo, apresentado pelo Governopresidente, conferencia, no Santo Isabel, banquetes etc.

Nas facilidades foram designados aqueles que deveriam acompanhar os diplomatas e esportadores que seulariam a Nabuco e a representação Paroquiana. Figuras como o Primeiro Amo- Riquelme Coelho (de Pernambuco); Segundo Amo- Fernando Barroca (de Pernambuco); Terceiro- Eurico de Sá Pereira (de Pernambuco); Quarto- Luciano Pereira (de Pernambuco); e Quinto- Carlos Xavier Pass, Barroca (de Pernambuco); Sexto- Orestes Orestes de Almeida, e Professor Dr. Fausto de Almeida. Além disso, havia antigos Clubes de Regatas e Populares que se reuniam sempre em reuniões na ilha que tirava por epilogo o 15 de Maio de 1900. Na Lingueta, o povo se aglomerava para a grande manifestação. No mesmo tempo, os transeuntes andavam ao par e ao contrapelo da marcha dos convidados, a grande multidão, de sobre as cabeças das mulheres dos convidados, a grande multidão, de sobre as cabeças das mulheres dos convidados.

PRIMEIRA PARTE.

A passagem do Congresso Pan-Americano pelo Rio de Janeiro, em 1906, não foi apenas uma reunião de diplomatas, mas também uma grande manifestação de simpatia e respeito por parte do povo brasileiro. A cidade recebeu os delegados com honras e festas, e a imprensa destacou a importância do evento para a história da América Latina.

No entanto, a participação brasileira não se limitou apenas a receber os delegados estrangeiros. O Brasil também enviou uma delegação composta por membros do governo, da academia e da imprensa. Essa delegação teve o objetivo de estabelecer relações diplomáticas e culturais com os outros países da América Latina.

Um dos principais pontos de discussão durante o congresso foi a questão da educação. Os delegados discutiram a importância da educação para o desenvolvimento econômico e social de um país. Eles também discutiram a necessidade de uma educação pública e gratuita para todos os cidadãos.

Outro ponto de discussão foi a questão da cultura. Os delegados discutiram a importância da cultura para a identidade nacional de um país. Eles também discutiram a necessidade de uma cultura pública e gratuita para todos os cidadãos.

Por fim, os delegados discutiram a questão da política. Eles discutiram a importância da democracia e da participação popular no governo. Eles também discutiram a necessidade de uma política pública e gratuita para todos os cidadãos.

Em breve tempo, a flotilha de recepção aportava no Arsenal de Marinha. José Mariano Carneiro da Cunha, companheiro de Nabuco nas pugnas liberais, foi quem saudou primeiro ao pisar a terra brasileira. Ambos se achavam velhos, cabeças brancas, mas esperançosos ainda pela bem da Patria. José Mariano, sua palavra já não tinha a força prodigiosa que comoviera ao povo de Recife desatrelar o carro e o conduzir pelas ruas, ovacionado ~~do~~, mas vibrava nas fulgurações do passado. Seus cabelos de neve embranqueciam aquele ambiente de paz, revivendo as grandes lides em que fora elemento preponderante. Entre os Diplomatas que desembarcaram ao lado de Nabuco, destacavam-se L. Rowe, dos Estados Unidos, Walker Martinez, do Chili, Gonzalo Quezada, de Cuba. A nota de maior destaque dessa passagem historica na vida academica foi a sessão civica no Santa Isabel. O Teatro regorritava magnificamente, de povo e familias. O aspecto seria imponente. Os diplomatas ao lado do Governador ~~postaram-se~~ no palco. Faelante discursara maravilhosamente. Sua palavra foi um hino de gloria a Nabuco, recordando a época em que naquele teatro, travara ele a maior batalha em favor da igualdade das raças. Naquela magestosa abobada, o verbo ardoroso do grande brasileiro tivera fulgurações de meteoros, sua eloquencia, catatupas de corrente formidavel. Ali estava ele novamente, agora porem, acompanhado de homens que iriam trabalhar por um ideal tão elevado quanto aquele que já houvera realizado em épocas remotas, o de congraçar os Povos Americanos na confraternisação de paz e concordia.

Fisicamente belo e elegante, intelligencia brilhante, Nabuco aliava a beleza intelectual a plastica de verde ~~desto~~ Fidalgo. Os ~~anos~~ ^{da} diplomacia tiravam-lhe o ardor da tribuna. Muito tempo se passou, após a ultima vez que assomara a tribuna naquele recinto, de sorte a sentir-se em posição de assombro em frente á quele espetaculo, mas que recordando o cenario da grande luta que travara e vencera, maior satisfação sentia, apresentando ao Povo de Pernambuco, os Congressistas que no Rio renovariam as bases da paz americana. Nabuco estava enfiado. O parlamentar famoso que no diser de Afonso Celso " ao falar, sua palavra estrioulava como um clarim, dominando os rumores, cortando, penetrante e poderosa as interrupções, despedindo rajadas como um latego sonoro", não mais possuia a energia da torrente impetuosa que só parava ao lançar o ultimo jacto, como a catadupa, cujo lençol se precipitasse no abismo até completo esgotamento. Estava velho repetia e a neve de seus cabelos lhe quebrantava o espirito, como linfa, branca, al-

Em breve tempo, a flutuação de negócios apontava no Arsenal de Marinha. José Mariano Carneiro da Cunha, comandante da Marinha nas duas liberdades, foi quem anunciou primeiro no Brasil a terra brasileira. Ambos se conheciam muito, sabiam pranchas, mas esperanças ainda por o bem da Pátria. José Mariano, sua palavra já não tinha a força que tinha antes que conhecesse o povo de Recife de maneira a certo e contrário pelas ruas, ovissonando, mas vibrava nas tribunações do passado. Seus cabelos de neve embranqueciam aquele ambiente de paz, revivendo as grandes lides em que fora elemento preponderante.

Entre os Diplomatas que desembarcaram ao lado de Mariano, destacavam-se L. Rowe, dos Estados Unidos, Walter Martinez, do Chile, Gonzalo de Rada, da Cuba. A nota de maior destaque dessa passagem histórica na vida acadêmica foi a sessão oficial no Santa Isabel. O Teatro Regio estava magnificamente decorado para a ocasião. O aspecto seria imponente. Os diplomatas ao lado do governador estavam-se no palco.

Teatralmente alocados maravilhosamente. Sua palavra foi um tipo de grande a Marinha, recordando a época em que naquele teatro, através dele a maior batalha em favor da liberdade das terras. Muitas mudanças aborrecidas, o verbo ardente do grande brasileiro tivera tribunações de respeito, sua eloquência, catástrofe de repente formidável. Ali estava ele novamente, agora porém, acompanhado de homens que tinham trabalhado por sua ideia. Não elevado quanto aquele que já houvera realizado em épocas anteriores, o seu congresso os povos Americanos na conferência de paz e concordia.

Intelectualmente belo e elegante, inteligência brilhante, Mariano alisava a beleza intelectual e clássica de verdade. Os seus discursos eram firmes e a ordem de triunfo. Muito tempo se passou, após a vitória, vez que assumira a tribuna naquele recinto, de sorte a sentir-se em posição de assombrar em frente a dupla espectral, mas que reconheceu o cenário de grande luta que travara e vencer, maior satisfação sentia, apresentando ao povo de Pernambuco, os Congressistas que no dia renoveriam as bases da paz americana. Mariano estava entusiasmado. O presidente também não era de Afonso Celso "ao falar, sua palavra atribulava como um clarim, tocando os maiores, contando, penetrando e o poderosas as interrupções, despedindo palavras como um latido ao povo", não mais possuía a energia de torrente impetuosa que ao passar-se ao último facto, após a catástrofe, cujo tanto se apresentasse no último ato compoção espectral. Sabia muito repetir o mesmo ve de seus cabelos lhe conferia o ar de um velho, como linha, branca, ali-

Dos diplomatas, falaram- Rowen, Martinez e Quezada. O primeiro (se
lou em ingles e apesar de ter sido pouco compreendido, suas palavras
foram recebidas com aplausos. O segundo e terceiro oraram em cas-
telhano. Martinez, orador circumspecto, falava com reflexão, com so-

-vinte e sete que se passaram a noite escuras e mais. Conserve-se todavia
 o mesmo porte atlético, com o gesto habitual de ter as mãos nos
 bolsos das calças, ou seja debaixo da direita na primeira e co-
 rdeira na segunda. O povo o viu com entusiasmo.
 Dos diplomatas, Talleyrand, Metternich e Guizot. O primeiro sa-
 lou em inglês e depois de ter sido pouco compreendido, suas palavras
 foram recebidas com aplausos. O segundo e terceiro oraram em co-
 rdeiro. Metternich, orador circunstado, falou com reflexão, com so-
 berbidade e moderação. Guizot, ao contrário, imaginoso, entusiasta,
 em pouco tempo dominou o auditorio que o aplaudia freneticamente.
 No fim da tarde, Talleyrand recebeu alguns deputados e os diplomatas co-
 nselhos de Metternich e todos demandaram o Rio para o Congresso de con-
 ferências americanas, ideal já conhecido por um presidente notável, Je-
 se Nifino Duarte Pereira, surpreendido pela morte no México, Guiza-
 mente quando defendia a Confederação das Ias Americanas.

A "REPÚBLICA MONROE.

HEU! FUGACES LABUNTUR ANNI.

Frederico Clark, Eiesbão de Castro, Antonio Bona, Jaime Rios, Mourão Rangel, Themastocles Avelino, Firmino Martins e Alberto Correia Lima, - todos do Piauí, menos Rangel, do Maranhão, foram os companheiros que comnosco constituíram a républica-MONROE - situada no segundo andar de sobrado á Rua da Aurora, uma das ~~mais~~ pitorescas ruas de Recife, de frente para o oriente, recebendo em cheio a ventilação marinha, á margem do rio Capibaribe.

Deramos á républica o pomposo nome de um dos notáveis Presidentes da grande República Norte Americana porque, nesse tempo, em 1906, agita-se o tema- o Pan-Amamericanismo que andava de embrulhada com a celebre Doutrina, interpretada diversamente, ora como um principio unico para os Yanques, ora como uma Lema para toda a América que uma e forte deveria tornar-se um baluarte contra a interevnção de potencias extranhas que com o intuito de novas conquistas, pretendessem p/erturbar a paz e soberania das Nações Americanas.

Pensamos ser uma acertada escolha e compatível com o momento. Os ensinamentos da grande Doutrina, com sua applicação na pratica, robusteciam nos corações dos môços, a idéa de Patria, de envolta com a esperança de uma Iraternidade americana.

De calouros só Alberto e Firmino, o FORMINO como o chamavamos (algumas vêses S. MIGUEL, porque um seu irmão possuia uma usina de açúcar, em Flôres, em Maranhão, com esse nome. Firmino gosava na républica, da fama de muito muque e por isso a rapaziada o temia, sofrendo pouco trote. Alberto, ao contrario, via-se irrequentemente assediado da tropa eterna e mais ainda porque, jactava-se de preparado, vindo do Piauí, ~~pp~~ aureolado. Mui propositadamente o perseguiamos e Alberto enfiava, si não tivera acessos de nervos. De uma feita em que FORMINO o tranceifou em quarto fechado, vimos Alberto bastante agitado, a ponto de ser preciso applicar-se-lhe forte dose de bromureto, sendo nós o ministrador da meisinha. Desde então, ficarmmos apelidado de DR. BROMURETO- sempre invocado para apaciar a furia dos ~~láp~~manos.

Na républica predominara por algum tempo o habito grótesco e talvez rude- de fechar o tempo. Consistia em cerrar as portas e janelas, e

ANEXO I - TUBO DE LANTERNA

Frederico Clark, Alípio de Castro, Antonio Bona, Jaime Rios, Monto-
 Fangel, Tentáculos Aveirino, Firmino Martins e Alberto Correia Lima,
 todos do Brasil, menos o primeiro, os brasileiros, foram os companheiros que
 com os constituintes a REPÚBLICA NOROCCIDENTAL - situada no segundo andar do
 edifício da Rua de Anjos, uma das mais pitorescas ruas de Recife, de
 frente para o oriente, recebia em cheio a ventilação marítima, a mar-
 gem do rio Guaporé.

Para a REPÚBLICA NOROCCIDENTAL o primeiro nome de um dos notáveis Presidentes da
 Grande República Norte Americana porque, nesse tempo, em 1908, agita-
 va-se o tema - o Pan-Americanismo que andava de emprilhada com a co-
 leira Doutrina, interpretada diversamente, ora como um princípio único
 para os Yaguas, ora como uma lei para toda a América que uma e tor-
 te deveria tornar-se um baluarte contra a intervenção de potências ex-
 tranhas que com o intuito de novas conquistas, pretendessem perturbar
 a paz e soberania das Nações Americanas.

Penhamos ser uma acceção escassa e compatível com o momento. Os en-
 sinamentos da Grande Doutrina, com sua aplicação na prática, robuste-
 cião nos corações dos homens, a ideia de Patria, de envolver com a espe-
 rança de uma fraternidade americana.

De cágoros do Alberto e Firmino, o FORMINO como o chamavam os filhos
 vêzes S. MIGUEL, porque um seu irmão possuía uma usina de açúcar, em
 Fiores, em Maranhão, com esse nome. Firmino gozava na REPÚBLICA, da re-
 ma de muito lucro e por isso a repetição o tema, portanto pouco pre-
 te. Alberto, ao contrário, via-se frequentemente assediado da frase
 eterna e mais ainda porque, testava-se de preparado, vindo do Brasil, a
 aureolado. Foi propositalmente o perseguido e Alberto agitava, a
 não rivas acções de nervos. De uma feita em que FORMINO o transcricao
 em quarto fechoado, vimos Alberto bastante agitado, a ponto de ser pre-
 ciso aplicar-se-lhe forte dose de promethio, sendo nós o ministro da
saúde. Desde então, tivemos a apelido de DR. PROMETHIO-DE-
 pre invocado para parar a saúde dos doentes.

Na REPÚBLICA predominava por algum tempo o habito ginecose e talvez
 vides de fechar o tempo. Constatia em correr as portas e janelas,

noite, luzes apagadas e cada um, munido de toalhas, se arremessaria para o que dêsse e viesse:... Verdade é que aos calouros, de preferência eram dirigidas as surras; na luta entretanto, aconteceria chocarem-se, frente a frente veteranos, apesar de prévia combinação, de evitar o atrito das potencias... A boa vizinhança se aborrecia com o esporte perturbador.

Não tínhamos dispensa em casa, as refeições fazíamos no celebrado Restaurante de Alfredo, o taciturno. ~~Por lá~~ De lá nos vinha o café - pela manhã. Ordinariamente assistíamos espetáculo curioso: - Clark e Alberto eram os últimos acordar, de maneira que, seriam os derradeiros a saborear o moka com pão e manteiga. Comumente, os dois republicanos briga-avam de boca pelo pão, quando não por outra razão. Em princípio, os dois discutiriam assuntos peculiares ao estudo. Clark, comelão, não se contentava contra a lastima do pouco pão que ficava, para lançar a culpa em - Correia Lima. A briga tomava calor. Cada um de nós, de seu cubículo, se- boreando o jornal matutino, antes de encetar o estudo cotidiano (o horário das aulas era á tarde), vinha se aproximando do teatro da trajédia afim de assistir a turra... e a assistência desandava contra o calouro. Jaime um dos bons companheiros era Telegrafista e sempre atar-fado. De genio calmo, tolerante, pouco se lhe importunava a pilhéria, motivo para ser assediado pela troça, qual calouro. Ao voltar do serviço, não deixavamos repousar com perguntas bêstas para mortificá-lo... Na seção de trabalho era chefiado por um de nome-Honório Pereira da Silva, de sua estima. Chamava-o de -Chefe Honório- e pela constancia em referir-se á ele, os companheiros moçecoriamente redúsimam seu amigo chefe, á abreviação de -Chéfônoro- Os namouros de Jaime eram originaes.. Não olhava para a menina, de frente, queria vel-a antes pelas costas! Nas festas, nos passeios, pedia-nos, que olhando-a, dissessemos, quando poderia contemplá-la... e mui de proposito, fazíamos o contrario.. e ela, de frente, Jaime empalidecia...incabulado...

A vida academica marchava cheia de numeros novos, de boas cousas. Uma das mais atraentes seriam as temporadas theatraes no Theatro Santa Isabel. Com a rivalidade conhecida entre os estudantes e a classe caixeiral, as figuras culminantes do palco tiravam partido, dedicando seus festivaes, ora á essa, ora á aqueles. Isso era o bastante para incentivar o entusiasmo dos paraninhos. A mocidade não tinha dinheiro, mas se desdobrava par faser figuração.. Morosini, lopiculo Lucinda Simões, Lucila Simões, Pepa Ruiz, Gabriellla Montani, Giselda Govoni, Angela Pinto e tantas outras artistas tiveram noitadas brilhantes no historico Theatro da Praça da República. Com recinto compl-eito, essas festas

seriam triunfaes, envólvidas em discursseiras calorosas, luzes, musicas, flores...

Os republicanos da Rua Da Aurora foram devotados amigos do teatro. Todos iam á opéra, admirar e aplaudir os heróes da arte de João Gaetano, de Refane, de Duse, de Graldinie Farrar, de Sarah Bernhardt.

O elenco republicano se mantivera coêso até ás vespersas dos exames, - quando Jaime, Firmino e Temistocles se retiraram. ~~Ficaram~~ O restante aguentou firme até o momento da separação, pelo golpe de Estado da dissolução da república.

seriam trinitas, envia-la em fidejussões colossas, luas, luas, luas, luas...
 Os republicanos da Rua da Aurora form devotos amigos do teatro. To-
 das iam a ópera, admirar e aplaudir os heróis da arte de João Gasto,
 de Rôfane, de Inse, de Grilante Frier, de Sarah Bernhard.
 O afonso republicano se mantivera coeso até as vésperas dos exames,
 quando Jaime, Tirimio e Tentáculos se retiraram. O resto-
 te aguentou firme até o momento de separação, pelo colpe de Estado da
dissolução da república.

A "REPÚBLICA" DA RUA DA AURORA.

FORSAN ET HOEC OLIM LEXIMUS JURABIT.

Em 1907, terminadas as férias, voltámos á Recife, para encerrar a grande jornada começada em 1903, a qual com a graça de Deus, não tivera interrupção. Em todo esse lustro, nem uma só vez deixáramos de gosar essa boa época no recêso do lar. Após os exames, rumávamos para o Piauí, procurando no aconchego da Família, as blandícias que ela proporciona.

Foramos para a mesma rua da Aurora, nos seus confins, próximo á fortaleza do Brum que ficava do outro lado do rio Capibaribe. A república ocupava inteiramente o prédio de um só andar, com amplas acomodações, um palacete luxuosamente republicano. Até certa época do ano, fizesse-se ela Consulado dos estudantes do Norte, refugio de todos que chegavam á Recife. Sua direção estava confiada á Milcíades Lopes que governava aquele Estado com perícia e geito admiráveis. Por suas qualidades excepcionaes fora aclamado Presidente Perpetuo. Milcíades acolhia com agrado todos aqueles que lhe pediam agasalho, mesmo a casa repleta.

Quando ali chegáramos, já encontrámos-Milcíades, Luciano, Clark, Jaime, Themistocles, Osvaldo Correia, Cristino Castello Branco, Saraiva de Lemos, Nogueira Tapeti, Raimundo Cunha, do Piauí, Luiz Cunha Filho, - Pedro Oliveira, Teoplistes Teixeira, Severino Carneiro, do Maranhão e Rocha Santos, do Amazonas. O Consulado ia se enchendo, tornando-se um completo curticeiro. Ainda lhe pediram agasalho-Antonio Lopes da Cunha, do Maranhão, Otavio Cardoso, de Sergipe, Nestor Veras, Pedro - Mendes, Luiz Carvalho, da Costa e Silva e Afonso Soares, do Piauí. A república regorgitava, entretanto jamais nesse periodo de enchente e depois quando ela se organizou definitivamente, um só atrito de desagregara aquela engrenagem de mecanismo complicado.

Em Junho efetivamente ela se constituiu de nós, Clark, Milcíades, Otavio, Luiz Cunha, Jaime, Osvaldo, Teoplistes, Pedro, Saraiva de Lemos, - Raimundo Cunha e Nogueira Tapeti.

Visinhança escolhida, compunha-se de melhores elementos da sociedade recifense. A dona da nossa casa, senhora D. Chiquinha, morando contigua, mantinha connosco relações afetuosas que se traduziam em ofere-

FORBES ET MORO OLIM FIDELIUM REGIS

-cimentos constantes de doces, bolos, peixes, pescados no viveiro que possuía nos fundos de seu grande quintal. Pela sua valiosa intervenção, penetraríamos nos salões de nossa cara vizinhança.

Em Pernambuco de aquela época, a sociedade desconfiava do estudante, tornando-se difícil coparticipar de seus encantos. Poucos conseguiam transpor essa muralha chinesa que obstava em geral aos moços estudantes conhecerem e gozarem do aconchego familiar.

Na Rua da Aurora conseguimos com relativa vantagem aquilo que se mostraria difícil a muitos. Havamos então, a nota chic e predominante em todas as festas; e nas reuniões sociais, quando não fôssemos os promovedores, seríamos as figuras de maior projeção, provocando o despeito dos velhos frequentadores.

Não esquecendo os estudos, todos peralteavam a vida em uma boemia republicana, sem perigos, sem males.

No mesmo quarteirão, existiam mais duas réplicas, chefiadas por Nestor e Luiz Carvalho. A alegria irrompia por ali tudo, e a cada passo, - um novo genero de trocis seria criado.

No Rio, como em pontos do Brasil, se espalhara e se contaminara a mania das conferencias literarias. Não pudemos fugir ao mimetismo e ali á républica de Nestor, se iniciara uma serie, de genero novo, sui-generis. Aos domingos, após a missa domingueira da Capelinha da Rua do Lima, ás dez horas, em trages especiaes, ouviamos conferencistas, tomando por temas, assuntos varios, estapafúrdios, reunindo tudo em melange desordenada, mas com muito espirito e graça. No dia seguinte, a imprensa germinia, noticiando com alor, mais uma conferencia do "Centro Academico" da Rua da Aurora.

O 11 de Agosto não passaria nas réplicas, sem uma comemoração qualquer. Nesse ano ajustarmos um banquete ao ar livre, no quintal, á sombra das arvores, com alvorada de latas velhas, hasteamento de bandeira, discursos, danças, etc. O menu se organizou com fino gosto e cada iguaria tomara o nome de cada uma das nossa gentis vizinhas, a quem foram oferecidas petiscos da començança, presencadas por elas, das janelas traseiras de sua casas. A mesa colocada á sombra de enorme sapotiseiro se apresentava republicanamente pitoresca; uma chuva impertinente anarquisou a patuscada, para a qual não faltaram discursos em verborragia academica.

Os flirts davam expansão ao genio folgazão da rapaziada. ... e os noivados se formavam, falados á boca pequena nos cochixos da vizinhança, - ora confiante, ora precavida. Os laços porém, não lograram prender os atilados moços, apesar da habilidade das velhas casadoiras.

A Capela de N. S. da Piedade, á Rua do Lima, era a igreja do bairro.

1995

Repleta de devotos, aos domingos, tomaria aspecto atraente. Moças e rapazes a enchiam para ouvirem a missa de um padre francez que a resava, alongando as palavras, carregando nos rrr. O flirt volteava aligero naquele meio religioso, qual belja-flor, irrequiesto, veloz.

As noites de luar em Recife, no verão eram soberbas. A margem do Capibaribe, no recanto do bairro de Santo Amaro, elas eram magnificas. Nessas noites deliciosas, iam os passeios em exuberante prosa com as nossas belas vizinhas.

Esse ano de 1907, termino do lustro academico de nossa turma, cor-
rera celere. Envolvido em nossa saudade, fechava ele o ciclo das
ilusões.

República de Portugal, nos domínios, com o objecto de
e repares a enchida para oprimir a massa de um parte ir nos
a farsa, alongando as palavras, correspondendo nos mt. O. 1111 vol-
teva afigero naquela meio religioso, qual delia-iron, irreverente,
veloz.

As nozes de luz em geral, no verso eram escuras. E assim no-
capitulos, no entanto do bairro de Santo Amaro, elas eram escuras.
Nessa noite deliriosa, fomos para os passeios em escuridão
com as nossas belas visões.
Em ano de 1907, termino do Instituto academico de nozes, com-
para celer. Envolto em nozes escuras, fechava ele o ciclo das
finanças.

MEMORIAS ACADEMICAS.

OS DOCENTES DO 4º e 5º ANOS.

SEMPER LAUS HOMINIS, NOMENQUE TUUM IN ORE MA-
NEBUNT.

AO Quarto Ano vieram todos os Catedráticos do Terceiro, com acrescimo do Dr. Sofronio Portela, de Economia Politica e de Ciencia das Finanças. Sofronio era-Senhor de Engenho- vivendo mais para a cultura da cana-de açucar, a qual o absorvia. Cidadão distinto, maneiras delicadas, fonte de inesgotavel condescendencia, tudo contribuia ^{para} a rapaziada - abusando, praticar diabruras inofensivas ao Mestre. Surdo, ali estava o grande martirio do egrégio Lente. Nas sabatinas, o estudante esplanando o assunto, intercalava palavras sem nexos, pilhérias ditas baixinho, só ouvidas pelo auditório que estourava... Amigo dos estudantes, oferecêralhes de certa vez, em seu Engenho-Banguê- grandiosa festa, ocorrendo todos á sua residência, ficando celebre nos annos academicos, pela abundancia e lhanesa.

No Quinto Ano, espargiam luzes de saber juridico, os Drs. Augusto Vaz, Henrique Milet, Constancio Pontual e Anibal Freire.

Augusto Vaz regia a Cadeira de -Teoria e Pratica do Processo, com pericia e manejo de muitos anos. Decano do Corpo Docente, o velho Professor se deliciava em rememorar o passado, para salientar sua pessoa. O venerando Mestre sofia talvez de hipertrofia do eu. Repetia com convicção profunda, que si fôra Governo, emdireitaria essa República, de falsos apóstolos, sem diretriz! Eximio na matéria, não consentia que seus -discipulos se desviassem dos velhos Tradadistas-Pereira e Sousa, Paula Batista, Pimenta Bueno e outros . Referia-se com acatamento á João Monteiro e aos modernos, mas não viessem com inovações, em geral prejudiciaes á praxe. Constantemente adstricto ao livro de presença, tornava-se até impertinente. Organizava aulas praticas, silicet- Tribunal de Juri, quando exigia rigorosamente a presença dos alunos. Na vida pratica, aludia sempre, quando estivesse ridicularisados, não se lastimasse... Falava-se que quando sua Cadeira estivera em outro ano, fôra assaz rigoroso. No quinto porém, o respeitavel Lente não prejudicava nenhum discipulo.

Henrique Milet, Catedratico de Direito Civil, ausente o eminente Clóvis Bevilacqua, nomeado Consultor Juridico do Ministerio do Exterior, viera

02 DECEMBER 20 11 41 AM '57

RECEIVED
JAN 21 1962
U.S. AIR FORCE
HONOLULU
HAWAII

substituí-lo na Cadeira de Legislação Comparada. Milet pouco prelecionou a nossa turma e faltava demais. Era tão eminente, quel Adolfo Cirne na ~~segunda~~ do direito civil, falava porém com arrogancia, como se pretendia, com gesto apopletico, no dizer do saudoso Faelante da Camara, fulminar o auditorio, fazendo carêtas e tomando atitudes a cada passo. Advogado illustre, possuia grande clientela.

Constancio Pontual doutrinava -Medicina Legal. Tido como um dos Luminares da Ciencia de Hipocrates na sociedade recifense, desempenhava os ~~Cargos~~ de Diretor da Saúde Publica e do Hospicio de Alienados de Tamarineira. De voz fanhosa, em inteiro contraste com a pesada redundancia de seu fisico corpulento, dissertava comumente de pé e às véses á escrever na pedra negra. Primando pela clareza de expressao, as préleções do Professor tornavam-se atraentes. Repetindo á miúdo o tema, com acurado zelo, frisava com frequencia...a nossa atilada-~~er~~ encia. ..com ironia ferina....que eramos doutores...estudiosos...por-
~~tanto~~...que deveriamos compreender o assunto, ~~dispenasndo-o de mais ex-~~ plicações. Seus estudos predil-etos recaiam sobre os...lacunosos e as raças. Dizia-se que ele renovaria ipsis literis ou ipsis verbis suas preleções. Nas suas aulas, havia completo silencio.

Anibal Freire entrara para Academia, poucos meses antes de deixarmos o velho casarão da Praça Desessete. Respondendo á concurso para Professor susbtituto, conseguira pelo preparo e pela influencia de seu sôgro Rosa e Silva, chefe politico de Pernambuco, de aquella época. Ser designado para reger a Cadeira de Direito Publico Administrativo. Formado de pouco tempo, ainda nosso contemporaneo, passara á nosso ~~Alf~~ mestre, colocando-se á altura da expectativa de seus antigos condiscipulos. Mõço ainda, simpatico, caprichava em mostrar-se ao nivel da alta missão, como desmentido formal, de que empistolado pelo sogro, tivera ingresso na Faculdade. Dotado de dição clara, falava como si estivesse declamando, com solenidade, com clarividencia das modernas idéas, sem os ressaibos das velhas escolas. O mõiço-mestre, em brève, firmara reputação na Academia.

substituiu-o na cadeira de legislação Comparada. Milet pouco proferia
 e nome a nossa turma e falava demais. Era tão empenhada, qual Adalberto
 Gime na seção de direito civil, falava pouco com arrogância, como se
 pretendesse, com gesto apocrieto, no dizer do seu velho Talmudista de
 mais, trilhar o auditorio, fazendo carícias e tomando atitudes e cada
 passo. Advogado ilustre, poesia grande e inteligente.

Constantino Fontal donatava - Medicina Legal. Tão como um dos in-
 menores da ciência de hipocrasias na sociedade recense, desamparava-
 va os cargos de Diretor de Saúde Pública e do Hospital de Aliados
 de Tamarineira. De voz farras, em inteiro contraste com a pessoa ra-
 duante de seu físico corpulento, falava com uma calma de pé e de
 vésseas e escrever na pedra negra. Primeiro pela clareza de expressão,
 as profissões do Professor tornavam-se estranhas. Repetindo a mim o
 tema, com acento reto, falava com frequência... a nossa ciência-
 quela... com fronte farta... que eramos honrosos... estudados... por-
 tanto... que deveríamos compreender o assunto, dispensando-o de mais ex-
 plicações. Seus estudos predilectos recaíam sobre os... lacunosos e as
 raras. Dizia-se que ele renovaria a sua litorânea, ou seja, veria suas
 profissões. Mas suas aulas, havia completo silêncio.

Antônio Freire entrava para Academia, poucos meses antes de deixar
 o velho assento da Praça Desassete. Respondendo a chamado para pro-
 fessor substituto, conseguia preparar e pela influência de seu
 amigo Rosa e Silva, chefe político de Pernambuco, de aquela época, ser
 designado para reger a cadeira de Direito Público Administrativo.

Formado há pouco tempo, ainda nosso contemporâneo, passou a nossa
 mestre, colocando-se à altura da expectativa de seus antigos condia-
 cipulos. Não ainda, apático, espreitava em mostrar-se ao nível da
 alta missão, como de direito formal, de que embelezado pelo gosto,
 tivera interesse na faculdade. Dotado de tipo claro, falava como se
 estivesse declamando, com serenidade, com objetividade das modernas
 ideias, sem as resacas das velhas escolas. O modo-mestre, em breve,
 tornou reputação na Academia.

OS EXAMES.

ANIMUS MEMINISSE HORRET;

Seria missão difícil traçar com cores vivas, estampar com aspectos palpitantes o quadro sugestivo do período dos exames. Só os psicólogos talvez possam mostrar à luz dos fatos, as gradações, as nuances por que passa o espirito atribulado do paciente nêsse angustioso trecho da vida académica.

Nas Academias de aquella época, os exames finais principiavam no meado de Novembro. Em Recife, as inacrições ~~seram~~ abertas do primeiro do mez até quatorze; e após os 15 e 16 de Novembro, feriados da República, tinham elles iinicio.

A mocidade como sempre folgazã, despreocupada, deixava no correr do ano, as cousas marcharem suave e indolentemente, em dulce farniente, descuidando-se do estudo regular, metódico que não martirisa, nem sobrecarrega a intelligencia- pandegas, flirts, teatros, solapões enchiam o tempo, em alegria doida, vibrando sem interrupção ao clarão de um sol sem manchas. Aos primorlios de Setembro e nos avanços de Outubro, preocupações ligeiras, aos poucos se apresentando sérias iam atuando na ca-chola do estudante. Os bons tempos da troça já passaram e urge encarar com seriedade o momento.

Não seria facil, nem com pouco esforço, que o aluno ganharia o tempo perdido. Duplicar a energia, ativar as forças intellectuaes demandaria coragem, pertinacia. Aos poucos vão rareando nas ruas, nas pandegas. A desidia injustificavel, esbarra o pavor da reprovação e as conjecturas para enfrentar o perigo?!

Muitos triunfam; outros vencidos de principio, apela para a segunda época; outros, aptos ás exigencias das mesas examinadoras, recuam ante o terror do tribunal que lhes vae julgar; ao contrario, outros, sem preparo, enfrentam com fleugma o perigo, nessa arrogancia do Audatiam fortuna iubet!

Frequentemente era visto a ignorancia receber premio e o saber, a palma do martirio, num qui-pro-quo de pasmal!

Hoje, felizmente, pelo regimen das notas de aproveitamento do aluno, no correr do ano, esse não se depara mais com a attitude vexatoria de ser examinado em matéria, conforme a sorte ditar.

Cirne examinava Direito Civil e pergunta ao estudante, que entendia por Dote-O mogo era fosforo na materia e com convicção responde-ser aquilo que a mulher levava no casamento....O velho professor, maliciosamente, repêe com graça, que a mulher não deixaria de levar alguma coisa... mas que a resposta era injuridica.

Clodoaldo Sousa, Catedratico de Direito Civil costumava, dissi-se, mandar corrigir as provas de seus discipulos, ouvindo a leitura por uma -- de suas filhas, ^{infante} moças. Tratava-se de ~~examinando~~ o Examinando define-a aquela pela qual, alguém cede seus fundos aoutrem, com a condição de -- não estragal-os, sôb pena de indenisação.... O velho Lente toma a prova, das mãos da filha e exclama- esta além de ma, está pornografica... Só -Os Exames- não puderam conservar em nós, a grata recordação da vida academica. Pudêra! Recordar o sofrimento é sofrer de novo!

Citamos a seguinte Direção Civil e pergunta ao estudante, que responde por
Dote-o não em razão da matéria e comportamento responder-se
que a mulher lavava o casamento... O velho professor, maliciosamente,
repete com frequência, que a mulher não deixaria de lavar a casa...
mas que a resposta era infundada.

Clotilde Gomes, a Federação de Direito Civil costumava, dista-se, com
de corrigir as provas de seus discípulos, ouvindo a leitura por um
de suas filhas, moças. Tratava-se de testamento o Examinando defini-a-
neste caso qual, quando cada uma delas escrevia, com a condição de
não escrever, sob pena de infamização... O velho lente toma a prova
das mãos da filha e exclama: esta não é me, esta homem...
Se - Os Exames - não podiam conservar em nós, a transmissão de vi-
da acadêmica. Porém! Recordar o sofrimento é sofrer de novo!

MEMORIAS ACADEMICAS.

A FORMATURA.

ALEA JACTA EST.

O sonho de cinco anos de labor intenso vai ter enfim sua concretização. É chegado o dia de anêlo para o môço, pleno de idéas. No topo da escada que ele se propoz subir, já no estrado, descortinando o horizonte vasto, ainda emocionado, afastada a solenidade característica do ato, o Bacharel é invadido pela decepção cruel de seu apoucado valor! Ração tivera o Poeta desaparecido, já de posse do canudo que lhe dava passaporte para ostruggle for life, ^{quando?} exclamava:-

Desgraça! Eis tudo que résta

De cinco anos de estudo,

Uma carta que não presta

Enfiada num canudo!

No coração da gente é fenomeno comum, no lutar para alcançar um fim, já senhor do objeto desejado, sentir a sensação de tédio, a sensação de enfado! Ajusta-se ao quadro, o que disse outro poeta não menos notavel:-
O Amor...o amor se extingue com a primeira posse....

Perante a Congrégção dos Gatedraticos, presidida pelo Director da Faculdade, com assistencia seleta, o Bacharelando lê em voz alta, no livro proprio, as palavras rituzes, o juramento que o prenderá aos deveres -- inherentes ao officio: = Ego promitto me semper principii honestatis inherere mei, gradus perfunctorum atque operam mean in jure patrocinando-justitiâ exequenda et bonis moribus precipiendis nunquam causas humanitatis futuras. O Director conferindo-lhe o grão, profere tambem alta voz: = En igitur munera tui gradus exercere liceat, Sustine pro iustitia certaminas custodi legum atque in ea exequenda semper rationem et publicum bonum prespecta habeas.

Era de praxe a colação do grão, realizar-se no conjunto. Nosso amigo J. J. Seabra, Ministro da Justiça e Interior foi permitindo que grupos, em sessão simples, fossem recebendo, sem mais aquela. Muitos como nós fugiram ao ~~aparelho~~ aparato e recebemos o barrête, sem os discursos, nem as projeções que davam pompa ao momento.

Com outros colégas, o grão nos foidado com simplicidade. Não pronunciamos as palavras do ritual. Ao primeiro cabia dissel-as e aos outros confirmal-as com o idem spondeo. Colocando o barrête á cabeça de cada um, o Director acrescentava-Et Tibi Quoque.

ALTA JACUA EST.

O sonho de cinco annos de labor intenso vai ter emfim sua consecra-
ção. Chegando o dia de anhelo para o moço, plano de idéas. No topo da
escada que ele se propoz subir, já no estrado, desceram o horizon-
te vasto, ainda emolado, atastado a solidão da contemplação do -
to. O charrel é invadido pelo decepção cruel de seu apocampo valor!
Rasão tivera o Poeta desapercebido, já de posse do quando que lhe dava
passaporte para estrange for life. Exclamava:-
Desgraça! Ela tudo que resta
De cinco annos de estudo,
Uma carta que não presta
Enfada num canudo!

No coração de gente é fenomeno comum, no interior para alcançar um fim,
senhor do objecto desejado, sentir a sensação de fadiga, a sensação de
enfado! Ajusta-se no quadro, o que disse, outro poeta não menos notavel:-
O Amor... o amor se extingue com a primeira posse....

Perante a Congregação dos Gabinetes, Presidência pelo Director da Tron-
dade, com assistencia selecta, o Bacharelado lê em voz alta, no livro
proprio, as palavras ritmadas, o juramento que o prendem aos deveres --
inimantes ao officio: -- Não promitto me sempre principii honestatis
resum mei, primum perfunctorum atque operam mea in tunc potestatem
trastit, excoenat bonis moribus preceptis innumera causae humanita-
tis futurae. O Director, conferindo-lhe o grau, profere também alta voz:-
In laudem munera tua eras exerceat liceat, Austine pro laetitia certa-
mina custodi regum atque in ea excedenda semper rationem et probum
bonum prodesta habere.

Era de praxe a collocação do grau, realizar-se no conjunto. Noas maio 5. 7.
Serão, Ministro da Justiça e Interior, permitindo que grupos, em ses-
sões simples, fossem recebendo, sem mais aquella. Muitos como nos tinham
so aparte aparato e recebemos o partete, nem os discurros, nem as pro-
jeções que davam bom ao momento.

Com outros colegas, o grau nos foi dado com simplicidade. Não promissa-
ramos as palavras do ritual. Ao primeiro capia diabolica e nos outros -
confirma-se com o idem apocampo. Colocando o partete e copias de carta -
um, o Director reconhecendo et tunc quodam.

De Agosto em diante, os Bacharelandos reuniam-se e por eleição, escolhiam o Paraninfo, o Orador da turma e o Fotografo, que por concorrência se propusesse fazer o grande quadro da formatura.

O Parainfante da Turma foi o grande filósofo Laurindo Leão; o Orador-Telesforo de Almeida, Paraíba do Norte. O Fotógrafo, a Fotografia Chic - a Rua da Imperatriz, a qual apesar de satisfeita com as nossas contribuições, não satisfizeram os compromissos assumidos; e muitos de nós, não receberamos o nosso Passe-Partout.

Laurindo Leão, com as refeições em grupos, não nos deleitou mais uma vez com a exuberância de seu genio oratorio. Telesforo tambem ficou privado da delicia que a nós daria, a palavra retumbante, de orador Compl-eto. O sauloso colega, deslumbrado pela riqueza da Amazonia, para lá se fôra, falecendo pouco depois, embalado ou desiludido talvez de seus encantos.

É assim formamo-nos todos. Poucos naufragamos. De Cento e cinquenta - que fomos no início, cento e dez tiveram a recompensa da luta. Partindo por caminhos diversos, a mocidade que frequentou, de 1903 - 1907, a Academia de Direito de Recife, se espalhou por este Brasil - grande, imenso, em busca de um ideal que é o de -progresso, paz e amor - atterçado pelo Lema-Direito e Justiça.

Deus permita, que poucos tenham sorvido amargos tragos na labuta pela existencia.

De acordo com o plano, as pesquisas serão realizadas em dois pontos, sendo o primeiro o Parque da Tijuca e o segundo o Parque da Lagoa.

O Parque da Tijuca foi o primeiro ponto escolhido para as pesquisas, devido à sua grande variedade de espécies e à facilidade de acesso. O Parque da Lagoa, por sua vez, foi escolhido devido à sua grande variedade de espécies e à facilidade de acesso.

As pesquisas foram realizadas em dois pontos, sendo o primeiro o Parque da Tijuca e o segundo o Parque da Lagoa. As pesquisas foram realizadas em dois pontos, sendo o primeiro o Parque da Tijuca e o segundo o Parque da Lagoa.

As pesquisas foram realizadas em dois pontos, sendo o primeiro o Parque da Tijuca e o segundo o Parque da Lagoa. As pesquisas foram realizadas em dois pontos, sendo o primeiro o Parque da Tijuca e o segundo o Parque da Lagoa.

As pesquisas foram realizadas em dois pontos, sendo o primeiro o Parque da Tijuca e o segundo o Parque da Lagoa. As pesquisas foram realizadas em dois pontos, sendo o primeiro o Parque da Tijuca e o segundo o Parque da Lagoa.

MOVIMENTO INTELECTUAL.

NOVISSIMA VERBA.

A mocidade que passou e viveu o quinquênio académico de 1903 a 1907 pelos bancos da Escola de Direito de Recife não se uescreveu, nem deu cunho de notabilidade de que fôra digna. Vigosa, inteligente, bem merecera estar entre as que na tradicional Academia riseram larde. A mocidade de aquele tempo não se revelara como aquela que nos ultimos paroxismos da Monarquia, viveu e frutificou nos primordios de República nascente, primando por fecundação assombrosa que marcou época. Naquela Recife de estudos e de recordações, fasia-se sentir a renovação de um periodo fertil, como o que se iniciara com Tobias Barreto, Castro Alves e proseguira com José Higino, Silvio Romero, João Vieira, Clóvis Bevilacqua, Artur Orlando, Martins Junior, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, João de Freitas, Faelante da Camara, Gervasio Fioravanti, França Pereira e tantos outros. Foi o periodo brilhante da Intuição Evolucionista do Direito revolucionando as letras e as sciencias.

A mocidade de nosso tempo bem merecera. No seu conjunto, distinguiam-se Frederico Clark, Luciano Pereira, Eusébio de Sousa, Telesforo de Almeida, ^{Faélante Pereira} Diogo Cabral, ^{Silvio} Silva Cravada, Artur Ramos, Alberto Pinheiro, Heli Fortes, ^{Diogo} Cabral, ^{Silvio} Cravo, Brandão Vilela, ^{Arístides} Rocha, ^{Amílrio} Resende, Carlos Resende, ^{Arístides} Soares, ^{Ornis} Soares, ^{Crowell} Carvalho, Abrantes Pinheiro, Antero da Cunha, ^{Oscar} Bernardo, ^{Mário} Domingues, ^{Walfredo} Leal ^{de Brito}, Virgílio Dantas, Alfredo Ferraz, Santos Neto e tantos outros; de par com Luiz Carvalho, Lucrécio Avelino, Matias Olímpio, Merval Vêras, Clodomir Cardoso, Benjamim Lins, Araújo Jorge, Lincolfo Pessoa, Guedes Nogueira Junior, José Augusto, Paulo Salgado, Barros Lima, Aquiles Bevilacqua, Valdevino Tito, Luiz Estevam, Gabriel Cavalcanti, Gomes de Matos, José Lopes, Julio Lima, Francisco Correia, Adalberto Percegrino, José de Borja, Carlos Pontes, Jucá Filho, Sebastião do Rêo Barros e mais outros.

Nos introitos dessa feliz época, havia na Academia, um jornal-O Onze de Agosto- que defendia os interesses da classe, organ apagado, sem entusiasmo. Pouco depois apearce o "Club Academico" que nos seus primordios, parecera reerguer a alma academica, meia atacada de marasmo. Locubrações esparsas, versos mornos surgiam aqui, ali, acolá. A "Officina

ASSTY 1561 VO.

Martins Junior" que na Livraria Economica, do Hogueira, na Rua Nova, se reunia e funcionava, como centro de agitação intelectual, compuseram-se de mãos como Paulo Salgado, Barros Lima, Manoel Monteiro, Carlos Estevam, Adelmar Tavares e Silveira Carvalho. Dala saiam verso, cantos e a vida em ritmo de amor, misturados com descantes populares. Seu orgam na imprensa era "O Lirio" dirigido pela exmia escritora D. Amélia Bevilacqua.

"A Sinagoga" tambem trabalhava na mesma Livraria do Hogueira, ponto de aglomeração elegante da elite intelectual academica., á Rua Nova (Barão da Vitoria), centro chic da sociedade pernambucana.

"O Gensculo do Silveira", corporificado e se exercendo na Livraria do Silveira, á Rua 1ª de Março (Gonçalves Crespo), não era constituido de estudantes, mas presidido pelo saudoso Mestre Faelante, composto de prosadores e poetas pernambucanos-Oswaldo Machado, Aprigio Garcia, Domingos Magarinos, Bianor de Medeiros, Heitor Maia, Artur de Albuquerque, Machado Dias, Rodolfo Garcia e Artur Muniz (da Biblioteca da Faculdade). Suas produções se refletiam nas rodas academicas, interessadas por tudo que dali dimanava.

A "CULTURA ACADEMICA", dirigida pelo Bibliotecario da Academia- Dr. Frota e Vasconcelos, deu a nota mais esclarecida desse tempo. Nela colaboravam professores, estudantes e literatos da terra. Vivera recheiada de produções juridicas, persistindo por tres anos, quando veio afafezer seu infatigavel Diretor. A "Cultura Academica" tornou-se á uma fonte para a Historia da Academia.

Nô seio da mocidade, Luciano Pereira lançou á publicidade, um ensaio sobre a Nova Escola Penal, a Escola Lombrosiana, cujos conceitos foram recibidos, sobretudo na roda dos Docentes, com aplausos e incentivos, para que tivesse imitadores. Silveira Carvalho, no verso, rotografou áos seus colégas, de maneira curiosa, livro ainda hoje guardado com carinho por aqueles que tiveram a ventura de conviver com ele nos bancos academicos.

ÁA mocidade daquele tempo não se mostrara indiferente á vida do paiz. Batalhou por uma República melhor. Agitou-se para levar á Presidencia da Nação, a Lauro Sodré, naquela época, o idolo da estudantada em todo o Brasil. Rebelou-se com o corte violento dado ao Professor J. J. Seabra, o eterno quirido dos academicos, quando eleito Senador por Alagoas, voto á descoberto, pelo chefe Pinheiro Machado,

...a "Revista da União" que na Livraria Escondida, do Rio de Janeiro, na Rua Nova, se reunia e funcionava, como centro de agitação intelectual, com o nome de de João como Paulo Galvão, Bento Lima, Manoel Monteiro, Carlos Estevam, Abelmar Tavares e Silveira. De lá saíram vários artigos e a vida em ritmo de amor, misturados com desenhos populares. Deu origem na imprensa era "O Livro" dirigido pelo amigo escritor D. Antônio de Aguiar.

"A Sinagoga" também funcionava na mesma Livraria do Rio de Janeiro, depois de algum tempo elegante da elite intelectual acadêmica... a Rua Nova (Barão de Vitória), centro da sociedade parnasiana.

"O Genialismo de Silveira", organizado e se exercendo na Livraria do Silveira, a Rua 12 de Março (Gonçalves Green), não era considerado de estudantes, mas prestado pelo saudoso mestre Tavares, do posto de professores e poetas parnasianos-Oswaldo Machado, Agostinho Galvão, Domingos Magalhães, Alano da Rebelião, Heitor Maia, Arthur de Almeida que, Machado Dias, Roberto Galvão e Arthur Maia (da Biblioteca da Faculdade). Uma produção de reflexões nas rodas acadêmicas, interessantes para tudo que lá se passava.

A "SINAGOGA ACADEMICA", dirigida pelo Bibliotecário da Academia - Dr. Tavares e Vasconcelos, deu a luz mais esclarecida desse tempo. Nel colaboravam professores, estudantes e literatos da terra. Viviam no meio de produções jurídicas, persistindo por três anos, quando veio a falecer seu intencional Diretor. A "Última Academia" tornou-se uma fonte para a História da Academia.

No meio do movimento, Instituto Parnasiano Tavares e publicações, um grupo de Nova Escola Tavares, a Escola Parnasiana, cujas atividades foram recriadas, sobretudo na vida dos Docentes, com artigos e livros, para que tivesse importância. Silveira Tavares, no verso, fotografou nos seus colares, de maneira curiosa, livro ainda hoje guardado com carinho por aqueles que tiveram a ventura de conhecer com ele nos bancos acadêmicos.

A sociedade daquela época não se considerava indiferente à vida da cidade. Batia-se por uma República melhor. Agitava-se para fazer a reforma da legislação, a Lei do Sufrejo, reforma social, o meio de estabelecer em todo o Brasil. Reclamava-se com o corte violento da vida no Brasil. O governo dirigido dos acadêmicos, quando eleito pelo voto por Alagoas, voto descoberto, pelo chefe político Machado.

posteriormente assassinado por um fanático político, da sua própria
 terra, o Rio Grande do Sul. ^{Disfralde} ~~Sempre~~ ao povo de sua terra, a bandeira
 da Revisão Constitucional, da Constituição de 1891, escopo do progra-
 ma revisionista do grande Gauro Sodré.

Posteriormente, assinando por um dos seus políticos, o seu próprio
terro, o Rio Grande do Sul, ~~deixando~~ o povo de sua terra, e beneficiando
da Revolução Constitucionalista de 1934, segundo se pode
na revolução de 1934, segundo se pode.

Of. de autor
em

13-6-1952

F
340.07
M672m

DA BIBLIOTECA
NÃO É DE SAIR

3/90

Este livro deve ser devolvido na última data carimbada			
5.5.54			
1.9.81			
7-6-88			

NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA

PER-VF fdr

3190

PE